

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Bruno Luis Cardoso

**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da
educação para o mercado**

Taubaté – SP

2017

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Bruno Luis Cardoso

**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais na
instrumentalização da educação para o mercado**

Relatório de defesa apresentado na Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Contextos, práticas sociais e Desenvolvimento Humano

Orientador: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala

Taubaté – SP

2017

Agradecimentos

Agradeço à Universidade de Taubaté (UNITAU) pela oportunidade de realizar um sonho pessoal, profissional e acadêmico de me titular mestre.

Agradeço às instituições de ensino que gentilmente autorizaram a participação de seus estudantes para esta pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Rachel Duarte Abdala, por cada esforço realizado para que esta pesquisa fosse concluída. Sua dedicação, paciência e carinho me foram primordiais dentro dessa longa trajetória. Seus conhecimentos que me foram transmitidos durante as aulas das disciplinas do programa, nas orientações e nos bate-papos, ficaram profundamente marcados em mim para que me torne um profissional e uma pessoa muito melhor do que aquela que ingressou no programa.

Agradeço ao Professor Dr. André Luiz da Silva, por me acompanhar desde a entrevista no processo seletivo até a banca de defesa, passando pelas disciplinas do programa e pelas apresentações de seminários. Seus apontamentos para o aprimoramento até esta versão da pesquisa foram de fundamental importância para que eu pudesse me encontrar melhor na missão de fazer ciência.

Agradeço ao Prof. Dr. Daniel Cavalcanti de Albuquerque Lemos por disponibilizar seu tempo para participar das bancas de qualificação e defesa realizando apontamentos essenciais para que esta pesquisa se tornasse melhor. Seus pontos de vistas me foram muito enriquecedores para acepillar este trabalho.

Agradeço ao Professor Dr. Joel Abdala, pela correção do texto de qualificação, pelos apontamentos nesta pesquisa e por me inspirar com sua sabedoria.

Agradeço à Professora Dra. Marilda Prado Yamamoto, por me inspirar e por me lembrar em uma de suas deliciosas aulas de Metodologia, que o importante para a pesquisa é a pergunta, é a motivação, ou seja, é o que incomoda.

Agradeço a cada um de meus professores, desde as primeiras letras, passando pelo ensino fundamental, médio, graduação, pós graduação especialização e mestrado, por me ensinarem a ver o mundo de uma forma muito mais ampla. Sem meus professores, não seria professor. Nem sei bem o que seria.

Agradeço aos meus queridos e amados alunos. Esta pesquisa e toda a minha trajetória profissional não seria possível sem vocês. Especialmente aqueles que tanto se aproximaram e tanto se tornaram amigos: Amanda, Duda, Giuliana, Jorge, Matheus,

Mateus, Sabrina, Vinicius “The Guitarman” e tantos outros que me aturam mais proximamente.

Agradeço aos meus velhos companheiros e amigos. Desde os tempos da infância, da adolescência ou da graduação. Aos irmãos que a vida me presenteou: Felipe (com especial agradecimento por me convidar a ser padrinho da linda menina Hísis), Rafael, Natália, Danilo, Ticiane, André, Sandra, Daniel e Bárbara.

Agradeço aos meus colegas, companheiros e amigos da turma do Mestrado em Desenvolvimento Humano 2015 que me acompanharam e compartilharam comigo a longa e árdua jornada do programa. Em especial à turma do fundão: Carol, Carolzinha, Carlos Eduardo, Deborah Abdala, João, Ludmila, Léo e Zé “do cavaquinho” Edson. Juntos vencemos a tudo e a todos, principalmente localidades em que e-mails não chegam e a turma do Senai.

Agradeço aos meus pais: Sr. Luis Homero Cardoso por ser meu pai e mestre. Por me ensinar a importância de se conservar o sorriso e o bom-humor para enfrentar as adversidades da vida. Além de agradecer pela própria vida e a paixão alviverde. Da-lhe Palestra, Pai! À Sra. Tania Regina Cardoso, por ser minha mãe e meu ídolo. Aquela que venceu duríssimas batalhas enquanto todo o processo do mestrado ocorreu. É bom demais tê-la de volta, mãe!

Agradeço à Sra. Raquel Rodrigues da Silva, minha sogra, por ser minha segunda mãe e por ter me dado o maior presente que a vida já me deu, minha companheira e esposa.

Agradeço à minha amada companheira e esposa, Pamela Rita Rodrigues Cardoso, por me amar, me incentivar e estar ao meu lado nos momentos mais escuros de minha existência. Por me apoiar e puxar minha orelha sempre que preciso. É por você sempre, minha vida!

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que entendem a educação como algo fundamental para qualquer sociedade.

Chegou a nova leva de aprendizes. Chegou a vez do nosso ritual. Se você quiser entrar para tribo, aqui no nosso Belsen tropical: ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão, ter filhos na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão. Ser responsável, cidadão modelo, burguês padrão. Você tem que passar no vestibular.

(RENATO RUSSO - 1985)

RESUMO

Neste trabalho, objetivou-se investigar a situação e as condições do sistema educacional como reflexo da sociedade no processo de transformação da educação em mercadoria, a partir da análise da pressão sobre os estudantes do Ensino Médio com relação à aprovação no vestibular. Para tanto, foi necessário considerar as interferências sociais do fenômeno de mercantilização da educação. Percebe-se que, com o passar dos anos, principalmente no período entre 1970 aos anos 2000, a educação no Brasil acabou sendo alvo desse fenômeno que ocorre em praticamente todo o mundo. Os ideais da educação, de tornar o sujeito autônomo e capaz de transformar sua situação foram paulatinamente substituídos por uma forma de educação que transforma escolas em empresas e famílias e alunos em clientes. Pretendeu-se, pois, analisar como se configura essa relação e quais suas implicações com o meio social. A visão do que é sucesso e de como atingi-lo perpassa esse cenário de competição e gera pressão nos alunos para a aprovação em vestibulares. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir da História Oral. Realizaram-se entrevistas com dez sujeitos oriundos de escolas de ensino médio de um município da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, sendo oito alunos e dois coordenadores, compondo um grupo de cinco sujeitos de uma escola particular e cinco de uma escola pública estadual. Considerando as teorias da História da Educação, da Filosofia da Educação e da Sociologia da Educação, buscou-se compreender a atual situação da educação a partir das formas de gestão. O ponto de vista interdisciplinar permitiu melhor compreensão do fenômeno da mercantilização da educação. Por meio das entrevistas, notou-se que a escola tem retratado e mantido, em sua realidade, a estrutura social de competição e ou descarte de possibilidades de escolhas, no que se refere aos exames vestibulares.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano, pressão por aprovação, vestibular, dualismo do sistema educacional.

ABSTRACT

In this work, the objective was to investigate the situation and the conditions of the educational system as a reflection of society in the process of transforming education into merchandise, based on the analysis of the pressure on high school students regarding the approval in the vestibular. In order to do so, it was necessary to consider the social interferences of the commodification phenomena of education. It can be seen that, most over the period since 1970 into the 2000's, education in Brazil has become the target of this phenomenon that occurs practically all over the world. The ideals of education, of making the subject autonomous and capable of transforming their situation, have gradually been replaced by a form of education that transforms schools into businesses and families and students into clients. It was intended, therefore, to analyze how this relationship is configured and what its implications are with the social environment. The vision of what is successful and how to achieve it permeates this competition scenario and generates pressure on students to pass the entrance examination. Methodologically, the research was developed from Oral History. Interviews were conducted with ten subjects from high schools in a municipality in the Metropolitan Region of the Paraíba Valley, with eight students and two coordinators, comprising a group of five individuals from a private school and five from a state public school. Considering the theories of the History of Education, the Philosophy of Education and the Sociology of Education, we sought to understand the current situation of education from the forms of management. The interdisciplinary point of view allowed a better understanding of the phenomenon of the commodification of education. Through the interviews, it was noticed that the school has portrayed and maintained in its reality the social structure of competition and or discarding possibilities of choices, regarding the vestibular exams.

KEY WORDS: Human Development, pressure for approval, vestibular, duality of teaching.

LISTA DE SIGLAS

BMI	–	Banco Mundial Internacional
CEP/UNITAU	–	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
DET	–	Diretoria de Ensino de Taubaté
FMI	–	Fundo Monetário Internacional
SEESP	–	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1 Mercantilização da educação	23
2.2 Dualidade do ensino	24
2.3 Gestão Escolar	28
3 Fundamentação teórica	31
4 METODOLOGIA	40
5 Discussão	46
5.1 O apito da máquina escolar (ou de como a educação se tornou produto)	46
5.1.1 Ensino Público e Ensino Privado: a dualidade de gestões	50
5.1.2 Na linha de montagem: os estudantes e a educação mercadológica	55
Considerações finais	59
REFERÊNCIAS	63
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido I	
ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido II	
ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido III	
ANEXO IV – Autorização da escola pública	
ANEXO V – Autorização da escola privada	
APÊNDICE A - Instrumento de Coleta de Dados Qualitativo – Roteiro de Entrevista	
APÊNDICE B - Entrevistas	

1. INTRODUÇÃO

Para que serve a educação? Pensa-se, como quase tudo em nossa sociedade, na utilidade das coisas. Entretanto, questionar a função da educação é algo extremamente importante no exercício de construção da reflexão crítica social. Partindo do pensamento do educador e pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921-1997), esta pesquisa compreende a educação como fonte de libertação e autonomia para os indivíduos que buscam a construção de sociedade mais ética e mais crítica. É impossível haver educação sem intencionalidade, justamente por isso, pretendeu-se analisar como os interesses mercadológicos moldam a educação no Brasil. Há afastamento entre a visão de mercado que compreende a educação como meio para atingir determinado fim, qual seja, o de alcançar vagas nas instituições de ensino superior mais reconhecidas pelo mercado de trabalho.

A escola, como afirmado anteriormente, possui suas intencionalidades. Tal como lembra Freire (2001, p.20):

Não haveria exercício ético-democrático, nem sequer se poderia falar em respeito do educador ao pensamento diferente do educando se a educação fosse neutra – vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classes sociais. Falaríamos apenas de equívocos, de erros, de inadequações, de “obstáculos epistemológicos” no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender. A dimensão ética se restringiria apenas à competência do educador ou da educadora, à sua formação, ao cumprimento de seus deveres docentes, que se estenderia ao respeito à pessoa humana dos educandos.

A escola está inserida em meio ao contexto social. Justamente por conta disso, acaba sofrendo as interferências da sociedade. Com isso, é preciso que se compreenda a educação como movimento político. Do contrário, como afirmado pelo autor, bastaria que os educadores cumprissem a tarefa de transmitir seus conhecimentos para que a escola fosse praticante de ética simples, como por exemplo, cumprir seu dever de ensinar conteúdos.

Exatamente por possuir dimensão ética mais complexa, a escola passa por ser formadora de indivíduos não apenas em competências e habilidades por meio de conteúdos, mas responsável por construir conceitos relacionados à ética e à cidadania no

exercício da democracia, em busca de sociedade mais igual. O desafio da escola reside nesse ponto. Da formação ética para a sociedade. Na visão de Freire (2001, p. 20):

Falamos em ética e em postura substantivamente democrática porque, não sendo neutra, a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém. E é exatamente este imperativo que exige a eticidade do educador e sua necessária militância democrática a lhe exigir a vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática. Não vale um discurso bem articulado, em que se defende o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito.

Os desafios da escola para formar o caráter ético dos estudantes, e não apenas prepará-los para provas e competições acadêmicas demonstram a complexidade da questão: Para que serve a educação? Os educadores buscam sua excelência na apenas no domínio dos conteúdos e a na forma de ministrá-los aos estudantes, como também nas relações sociais que acarretam em pontos de vistas conflitantes e sonhos e vontades de cada estudante.

Desta forma, objetiva-se também na educação a possibilidade de transformação da realidade na vida das pessoas por meio da aquisição de conhecimentos científicos em cada área de estudos e na preparação para que se tornem capazes de exercer a cidadania, formando assim uma sociedade mais ética. Nas escolas, mantendo-se esse ponto de vista, atingir a formação íntegra de pessoas capazes de praticar conteúdos apreendidos nas diversas áreas do conhecimento e valores éticos é considerado o essencial para os responsáveis por práticas pedagógicas.

Vislumbra-se, por meio da escola, equacionar problemas sociais de indivíduos que se tornam marginalizados ao não participarem das experiências escolares. Dessa forma, a escola aparece como transmissora do conhecimento produzido historicamente pela humanidade, e na relação professor-aluno estabelece-se a condução da aprendizagem dos diversos saberes construídos pelos seres humanos (Saviani, 2008, p.18). Esse objetivo aparece tanto na escola pública, por meio das autoridades políticas encarregadas de planejar e executar políticas públicas educacionais, quanto na escola privada, com seus mantenedores e aqueles que atuam diretamente na administração e na prática do ensino.

Entretanto, parece existir grande diferença entre a visão de educadores que seguem a linha, dentre eles, de Freire (1967) e de Cunha e Góes (2002), como objetivo

da educação e o que se percebe na maior parte das escolas, principalmente no que se refere à estrutura de organização e à ação escolar. Há necessidade, pois, de compreender a educação como promotora de transformações sociais e como fomentadora do conhecimento científico e de valores morais e éticos para a formação de uma sociedade mais justa (Adorno, 1995, p.143). No entanto, a educação passou a ser tratada como mercadoria, o que vem a modificar, principalmente, os objetivos e a utilidade do que se aprende na sala de aula. Discutir essa mudança e as suas implicações é justamente o escopo investigativo desta pesquisa.

Desse modo, vê-se a educação, a partir das perspectivas pedagógicas citadas, como ferramenta para atingir objetivo diverso daquele socialmente compreendido como ideal, qual seja, o de formar cidadãos com conhecimentos científicos e preparados para serem praticantes ativos da cidadania. Porém, a competição entre escolas, agora transformadas em empresas, e entre seus alunos, de agora denominados como clientes, faz com que o objetivo maior da educação seja o de preparar os estudantes para exames de admissão em instituições de ensino superior. Não há preocupação em atingir objetivos educacionais de aquisição de conhecimentos ou mesmo de modificar os indivíduos para que se tornem críticos e responsáveis por auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e ética (Freire, 1967, p.86).

Essa diferença de conceitos e de tratamentos em relação à educação entre a escola compreendida como agente transformador de realidades por meio da formação acadêmica e cidadã, e a visão, principalmente a partir dos anos 1980 no Brasil (Helene, 2013), de se atingir o objetivo de aprovação em vestibulares e alcançar metas quantitativas de indivíduos que concluem o ensino médio, traz consigo a discussão sobre a educação no Brasil como sintoma das desigualdades sociais do país. A realidade escolar parece indicar em muitos momentos a manutenção das hegemonias sociais construídas por aqueles que detêm maior poder econômico e político. Além disso, as realidades das escolas privadas e das escolas públicas, principalmente entre aquelas menos assistidas pelo governo, podem parecer, *a priori*, distantes e diametralmente opostas, entretanto, verifica-se que a oposição é superficial e que, embora com resultados diversos entre si, corroboram para a sustentação do mesmo sistema econômico vigente.

Em muitas cidades do Brasil, é comum propagandas de escolas privadas com fotos de alunos aprovados, além da quantidade de estudantes aprovados em

vestibulares concorridos, como os do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e das mais diversas instituições de ensino superior públicas, principalmente nos cursos de Medicina. Esta pesquisa surgiu com o intento de investigar como e por que a educação se tornou mercadoria pronta para ter sua própria propaganda, tal qual qualquer outro produto de consumo no sistema capitalista.

Nesta pesquisa, analisou-se como a educação deixou de ser compreendida, na visão dos educadores que a tem como formadora integral de indivíduos e passou a ser ferramenta que pode ser adquirida para instruir estudantes a serem capazes de conquistar vagas para cursos em instituições de ensino superior. Além disso, de que forma passou, também, a ser objeto de manobra para políticas públicas serem aceitas como produtos eficientes das ações de governantes que as implementam, ao atingirem a meta de concluintes do ensino médio. A aprovação em vestibulares é também instrumento para alcançar metas quantitativas de indivíduos concluintes do ensino médio estipuladas por órgãos governamentais, como o Ministério da Educação (Kruppa, 1994, p.52).

A partir do pressuposto de que é possível observar a transformação da educação em mercadoria, pretendeu-se compreender quais são os impactos causados pela lógica do mercado implementada na educação. Observaram-se as mudanças históricas ocorridas na forma como se viu e se pensou a educação no Brasil a partir da promulgação da Lei de 15 de outubro de 1827, que trouxe legislação geral a respeito do ensino básico (Ribeiro, 1984). Porém, principalmente a partir da década de 1920, com o processo iniciado pela instauração do regime republicano, que trouxe a democratização do ensino e buscou disseminar os ideais de seus líderes a partir da educação, objetivou-se modernizar os habitantes, transformando-os em povo (Carvalho, 1989, p. 9).

Em seguida, surgiram os ideais dos Pioneiros e da Escola Nova, defensores da educação pública, e o favorecimento do mercado de trabalho, até os anos 1970, quando teve início a transformação dos princípios educacionais trazidos pelos idealizadores do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova¹”, para uma série de medidas educacionais adotadas no regime militar (1964-1985), tais como a implementação do Sistema S, a saber: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

¹O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” foi um documento preparado por educadores como Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Hermes Lima, entre outros. O objetivo do manifesto era demonstrar a necessidade de se tomar medidas que viabilizassem melhorias no sistema educacional brasileiro, além de garantir leis que dessem unidade de propósitos para o ensino público brasileiro. (Ribeiro, 1984)

(Senai), Serviço Social do Comércio (Sesc), Serviço Social da Indústria (Sesi), entre outros, que teve por objetivo, proporcionar ensino profissionalizante o que gerou mão-de-obra para as indústrias do Brasil, especialmente no eixo Rio-São Paulo (Kruppa, 1994). Isso priorizou acordos realizados pelo governo militar com agências internacionais, tal como a *United States Agency for International Development* (USAID) – Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional, para que a educação brasileira fosse remodelada a partir de interesses externos com o intento de disseminar entre a população ideais produzidos pela agência em parceria com os militares (Cunha e Góes, 2002).

Nos anos 1980 a educação pública passou por processo intenso de transformação em sua estrutura. Com o fim dos exames admissionais, exigência para ingresso no antigo curso ginásial no projeto educacional do Regime Militar, que nessa década dava sinais de que estava por se encerrar, a escola pública teve de se adequar ao grande número de estudantes que tiveram a possibilidade de seguirem seus estudos, antes estagnados por não serem aprovados nos exames de admissão. Com isso, nova demanda de escolas e reformas educacionais surgiu. Com a Constituição de 1988, redesenhou-se o projeto da educação pública, que seria mais amplamente discutida com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no ano de 1996, e nas reformulações das LDBs nos anos que se seguiram. (Helene, 2013)

Já na primeira década do século XXI, a municipalização do ensino fundamental e a responsabilidade de gestão do ensino médio cabendo aos Estados, novos horizontes surgiram. Impactando, inicialmente, o número de matrículas no ensino fundamental, pois os municípios tiveram de se adequar a nova incumbência trazida pela legislação educacional, e, posteriormente, as redes estaduais de ensino que passaram a ter como encargo a gestão do ensino médio, vez que tiveram de se adequar a nova demanda de vagas em suas escolas. (BRASIL, 1996)

O foco desta pesquisa, portanto, está nas ocorrências dos últimos trinta anos, em que se tornou possível notar acentuada discrepância entre a forma de gestão e os objetivos da educação no sistema público e no sistema privado de ensino. A partir dos anos 1980, no Brasil, o tratamento dado à educação foi-se modificando no sentido de torná-la mais rentável. Grandes redes de escolas privadas buscaram criar sistemas de ensino mais atrativos para aumentar o número de alunos que recorrem ao ensino privado

esperando ter melhores recursos humanos e materiais de ensino para aumentar sua chance de sucesso na busca por melhores condições de trabalho (Plank, 2001, p.107).

Concebe-se a educação como forma de desenvolvimento das possibilidades do sujeito no que se refere, tanto às suas oportunidades, quanto às suas habilidades e competências desenvolvidas ao longo de todo o ciclo escolar. Compreender o objetivo da educação como forma de se praticar as potencialidades reveste-se de extrema importância, tal como idealizado pelo pressuposto da educação libertadora, como em Freire (1967), na qual a aquisição de conhecimentos e de capacidades é o ideal nesse modo de compreender quais são os principais objetivos da educação.

Ora, oportunizar ao indivíduo possibilidades de melhorias para sua vida de modo material demonstra certa germinação do ideal de competição entre escolas e, conseqüentemente, entre alunos. Essa crítica é necessária, pois esse ponto de vista parece fomentar os aspectos incentivados pelos modos de produção capitalista no projeto de competir por espaço (Saviani, 2008, p. 54).

O ensino médio prontamente aparece como local em cujos ideais de competição parecem ter maior espaço. Quando se compara a forma como essa competição é considerada pelos sistemas privado e público, inicialmente aparenta existirem formas de gerenciamento e condução da educação com objetivos diversos, que se modificaram ao longo do tempo, desde a organização do sistema educacional brasileiro, principalmente ao longo das décadas de 1980 e 1990 e que se consolidaram nos anos 2000. Entretanto, o objetivo de se atender aos interesses do sistema econômico vigente, torna a rede pública e a rede privada com a mesma função, a de manter as desigualdades sociais, visto que aqueles indivíduos oriundos de classes econômicas mais abastadas possuem maiores chances nos exames admissionais mais concorridos, sejam por conta das instituições, sejam por conta dos cursos objetivados.

Atualmente, de um lado, a educação pública tem sido gerida a partir da lógica de burocracia, que cria empecilhos para que avance com qualidade. Boa parcela das escolas públicas no Brasil trabalha com material insuficiente e têm baixa remuneração para aqueles que tomam frente nas salas de aula. Além do mais, profissionais com perfil de gerenciamento empresarial ocupam determinados cargos que geram políticas públicas para a educação. De outro lado, percebe-se a lógica mercadológica na escola privada, que também gerencia com visão empresarial a educação, mas com o objetivo de atingir melhores resultados para atrair novos clientes

que almejam que seus filhos sejam plenamente bem-sucedidos na tarefa de conseguir vaga nas melhores instituições públicas de ensino superior.

Por meio da seleção feita pelo vestibular, exame que é utilizado no sistema educacional brasileiro como controle de admissão para o ingresso nos cursos de ensino superior, há o encontro entre as múltiplas realidades da escola pública e da escola privada. Aos alunos que tiveram de conviver com professores pouco estimulados, por conta do sistema educacional sucateado que os trata com quase nenhum respeito, resta a ideia do esforço sobre-humano para conseguir alcançar as vagas. Já os alunos que sempre tiveram suporte familiar e educacional para estarem aptos a atingir o objetivo de cursar o ensino superior nas mais concorridas carreiras das mais imponentes instituições públicas de ensino superior. Assim, as desigualdades sociais dentro do sistema de ensino refletem as desigualdades sociais encontradas na sociedade com mentalidade de produção capitalista (Saviani, 2008, p. 58).

Entretanto, tanto os alunos da escola pública, quanto os alunos da escola privada, parecem sofrer essa pressão para atingir esse objetivo. Para o oriundo da escola pública, a pressão para ter a chance de mudar sua realidade econômica por meio de melhores colocações profissionais, visto que terá a oportunidade de estudar em instituição de ensino superior valorizada. Por sua vez, o aluno que se forma na instituição de ensino privada sente a pressão de seus familiares, que investiram tempo e dinheiro para fosse aprovado no vestibular de instituição de ensino superior pública.

Evidencia-se, com isso, o aumento das desigualdades sociais que aparecem de imediato na educação e na disparidade de oportunidades para as diferentes classes sociais, em suas possibilidades de ensino. Ou seja, a escola produz e reproduz disparidades entre as diversas classes sociais (Dubet, 2012, p.25).

Considerando esse cenário, em que a educação transformou-se em mercadoria ao ponto de gerar competição entre escolas pela aprovação em vestibulares e outros sistemas de avaliação, tal como empresas que disputam espaço no mercado, pergunta-se: Quais as implicações sociais da mercantilização da educação?

Com essa questão em mente, buscou-se encontrar possíveis respostas sobre os reflexos desse fenômeno de mercantilização e instrumentalização da educação na sociedade. Partindo desse pressuposto, estudaram-se os teóricos e os dados obtidos por meio de pesquisa exploratória, com o intento de perceber quais são as interferências engendradas pelos sistemas de gerenciamento das escolas públicas e privadas na

sociedade no momento em que fomenta corrida frenética dos estudantes para aprovação em vestibulares.

No âmbito de uma concepção de educação compreendida como forma de auxiliar na formação íntegra, com vistas para a constituição de indivíduos instruídos cientificamente e capazes de exercerem a cidadania, existe certa distância entre o que é idealizado por essa noção a respeito da educação e a visão da lógica do mercado, que exige do aluno o sucesso em avaliações externas com o intuito de atrair mais clientes. Neste sentido, buscou-se compreender quais as implicações sociais da mercantilização da educação a partir das falas de pessoas (alunos e coordenadores pedagógicos) envolvidos.

Com base na problematização definida, o objetivo geral desta pesquisa foi o de identificar as condições sociais da transformação da educação em mercadoria a partir da análise da pressão sobre os estudantes do Ensino Médio com relação à aprovação no vestibular.

Com relação aos objetivos específicos, o primeiro foi o de compreender como a educação se transformou em mercadoria e como passou a fazer com que as escolas se aproximassem do modelo empresarial de gestão. O segundo foi analisar os reflexos da pressão sobre os alunos por meio da aprovação em vestibulares. O último objetivo específico definido foi o de compreender como ocorre o afastamento entre a gestão do ensino público e a do ensino privado.

Tematicamente, a delimitação desta pesquisa partiu do intento de se investigar a forma como a educação é compreendida em seu local mais apropriado, qual seja, a escola. Aprofundando-se no assunto principal, percebe-se que a educação buscou compreender as diversas visões e objetivos atribuídos às escolas, no sentido de observar as diversas formas de gestão e diversos objetivos traçados para o ensino. Por um lado, o tratamento dado à educação nas escolas particulares, por outro lado, como as gestões públicas compreendem o ensino e elaboram formas de administrar o ensino público. A investigação direcionou-se para os anos finais da educação básica, ou seja, o ensino médio. Essa escolha foi feita como o intuito de compreender o fenômeno da mercantilização da educação para possibilitar o acesso ao ensino superior e atingir índices de aprovação e conclusão de indivíduos no ensino médio. Outro ponto importante é o fato de haver, na temática da educação, inúmeras pesquisas sobre o

ensino infantil e o ensino superior, ao passo que há escassas pesquisas a respeito do ensino médio. Para lograr melhor compreensão do fenômeno da mercantilização da educação, entrevistaram-se indivíduos que estão diretamente envolvidos no processo educacional e com maior contato com vestibular, ou seja, estudantes do último ano do ensino médio e professores coordenadores.

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas de um município da Região Metropolitana do vale do Paraíba. Uma delas pertence ao sistema particular de ensino, e a outra, à rede estadual de ensino. Segundo dados apresentados no site da Diretoria de Ensino, há 43 escolas privadas com ensino médio no município pesquisado, além de 21 escolas da rede estadual que atendem o ensino médio. Segundo dados do Censo Escolar de 2015, estavam matriculados no ensino médio 11269 alunos no ensino regular. Destes, 7797 estavam matriculados em escolas estaduais, 714 em escolas municipais, e 2758 em escolas privadas.

O modelo social vigente baseia-se na lógica de produção do sistema capitalista. Todo esforço empregado deve gerar lucro. Na esfera educacional cada indivíduo deve investir em todas as suas habilidades e competências desenvolvidas ao longo dos períodos em que esteve na escola, com o intuito de garantir acesso ao próximo nível de ensino. Seria possível concluir que não há nada de errado em tal situação, entretanto há que se ponderar a respeito das implicações sociais desse quadro.

Aplicar diligências com o intuito de obter acesso à universidade, por si não constituiria vicissitude alguma, pois seria o desejável para aquele que se esforça tanto. Porém, questiona-se o seguinte: Todos os indivíduos partem do mesmo ponto nessa corrida pelas vagas? Os estudantes dispõem das mesmas ferramentas para lograr êxito na empreitada? Ora, percebe-se que existem situações e variáveis que atravessam o caminho de determinados indivíduos por conta de sua posição social. Além do mais, essa lógica de disputa de vagas distancia-se da formação integral do indivíduo, quiçá um dos maiores objetivos da escolarização.

É exatamente esse cenário educacional voltado à concorrência por vagas em universidades que torna esta pesquisa relevante. Isso porque este estudo é um meio de compreender possíveis intercessões da lógica de produção do sistema capitalista refletindo no ambiente escolar. Além disso, a realização desta pesquisa torna-se necessária para melhor compreensão do espaço que existe entre o ensino público e o ensino particular, e também para entendimento de como classes sociais diferentes

reagem às interferências da formação dada pela escola. Em outras palavras, como as instituições de ensino refletem as desigualdades sociais.

Esta dissertação está estruturada em três seções. Na primeira delas, analisam-se as condições históricas que fizeram com que a educação se tornasse mercadoria adquirida pela parcela da população que economicamente tem maiores condições. Na segunda seção, analisa-se o fenômeno do distanciamento entre o objetivo da educação na instância pública e na instância privada. Por fim, na terceira seção, aborda-se a visão dos alunos com relação a suas expectativas e às pressões por eles sofridas para que consigam aprovação no vestibular, apontando-se a diferença entre os alunos do ensino público e os do ensino particular.

2. Revisão da literatura

A revisão bibliográfica foi realizada com base na metodologia de levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Portal Periódicos Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no Núcleo Brasileiro de Teses e Dissertações em Educação, Educação Física e Educação Especial.

Abordou-se os seguintes descritores nos trabalhos científicos buscados nas bases de dados e na literatura: (1) Mercantilização da Educação, (2) Dualismo no ensino da escola pública brasileira e da escola privada brasileira e (3) Gestão escolar.

Com relação ao período delimitado, foi de 2010 a 2016, perfazendo assim seis anos que foram pesquisados buscando-se os descritores indicados nas bases de dados selecionadas.

Em nenhum dos bancos de produções acadêmicas pesquisados, e já devidamente indicados, encontrou-se resultados a respeito dos descritores utilizados, particularmente: (1) Mercantilização da Educação e (3) Gestão escolar. A escolha dos descritores pautou-se na intencionalidade em seguir o critério de que deveriam coadunar aos objetivos desta dissertação. Com relação ao segundo descritor, Dualismo no ensino da escola pública brasileira e da escola privada brasileira, foram encontrados artigos analisados no sub tópico específico.

Porém, como não houve resultados suficientes nas buscas, se recorreu à metodologia da revisão integrativa para trabalhar os conceitos diretamente relacionados aos objetivos propostos, já indicados como descritores utilizados no levantamento bibliográfico.

Entende-se por revisão integrativa bibliográfica a definição de Mendes, Silveira e Galvão (2008, p.760):

A revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores

Portanto, esta metodologia utilizada serviu para balizar esta pesquisa por meio de estudos realizados por autores que se debruçaram em diversas temáticas relacionadas à educação e políticas educacionais. Os estudos prévios alicerçam as fundações das discussões deste trabalho.

2.1 Mercantilização da Educação

Para iniciar à explanação dos conceitos, estudou-se a expressão “mercantilização da educação”. A partir do processo de mercantilização da educação, observou-se a transformação da educação em mercadoria principalmente pelas escolas privadas, que tratam o aluno e sua família como clientes com os quais realizam ligações estritamente comerciais. O princípio que apoia tal situação é justamente a visão neoliberal. As formas de interferência dessa política podem ser mais bem compreendidas com o auxílio de Cecon (2013, p.18):

Pode-se descrever as políticas neoliberais como a abertura do mercado, a redução sistemática do setor público e a diminuição das intervenções estatais na economia. Tais políticas se propagaram por meio das estratégias de empréstimo do Banco Mundial (BM), como condicionantes econômicos. Incentivada também pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) nas ações públicas de redução de gasto público. Para as propostas neoliberais, o melhor Estado é o Estado mínimo.

É possível compreender essa visão de intervenção mínima do Estado na economia como processo gradativo que chega à educação como forma de transformá-la em mercadoria, e toda relação entre escola e família torna-se mais próxima da relação estabelecida entre empresas e clientes. Percebe-se que existe nova forma de compreender a educação a partir da lógica de mercado.

Essa forma de organizar a economia é configurada pelo neoliberalismo que é a teoria político-econômica que resgata os ideais do liberalismo. Prevê pouca intervenção do Estado nas políticas econômicas e busca maior liberdade para o mercado. A retomada desses conceitos pode ser observada principalmente a partir da década de 1980 como forma de salvaguardar o sistema capitalista de possíveis crises, que eram latentes no período. Principalmente nas figuras do Presidente estadunidense Ronald Reagan, chefe de Estado entre 1981 e 1989, e da Primeira-Ministra da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, líder britânica entre 1979 e 1990, o neoliberalismo objetivou que o Estado passasse a intervir na economia e no mercado apenas para socorrer em caso de crise. Fazer com que a economia fosse mais independente e investisse no livre-comércio e livre-concorrência para que fomentasse mercado interno forte para competir com economias externas. (Abbagnano, 2007, p. 710)

O Estado pouco ou quase nada legisla, mantendo distância nas relações que, outrora, eram escola-família, e agora, passam a ser empresa-cliente. Essa privatização da educação é uma situação muito mais profunda, toca no âmbito político num contexto ainda maior, cuja lógica está no neoliberalismo (Torres, 1995). As formas com a qual o

Estado estabelece sua relação com o mercado segue a lógica de menor gasto com a educação pública, e, para isso, busca-se eximir o setor privado de certas obrigações, como custos menores na arrecadação de impostos, para incentivar a iniciativa privada a se envolver cada vez mais na educação. Torres (1995, p.125) esclarece essa relação com o Estado da seguinte forma:

As políticas de privatização são importantes nas reformas orientadas a impulsionar o mercado, portanto constituem uma preferência de política do neoliberalismo. Por um lado, mediante a privatização de empresas do setor público, reduz-se a pressão sobre o gasto fiscal. Por outro lado, a privatização constitui um instrumento muito apropriado para despolitizar as práticas regulatórias do estado nas áreas de formação de políticas públicas.

Além desta visão do Estado para o setor privado, existe também o outro lado, a visão do empresário (mantenedor ou diretor da escola) em relação ao Estado. Para o setor privado, seu setor tem maior qualidade e competência para tratar da educação e, assim, consegue melhores resultados (Ceccon, 2013, p.21). Além do mais, o setor privado consegue adaptar-se e atualizar-se em termos de tecnologia e de metodologia mais rapidamente do que o Estado. Assim, a ideia de que a mercantilização da educação é saída direta para o Estado Neoliberal promove tal iniciativa no intuito de afastar-se ainda mais das políticas públicas de educação e condicionar o produto final de sua gestão na educação, ou seja, o aluno da educação pública como integrante da força de trabalho com baixa qualificação para empresas privadas.

2.2 Dualismo no sistema educacional brasileiro

Foram detectadas vinte pesquisas relacionadas ao descritor dualidade educacional. Sendo que em cinco, destacou-se amplamente a temática do ensino público. A começar pelo artigo de Brandão e Carvalho de 2015 com o título “Qualidade do ensino, balanço de uma década de pesquisa.” Nesse texto, as autoras traçam o perfil da disparidade entre o ensino público e o ensino privado de modo a tornar claro que os baixos investimentos realizados pelo Estado, se comparados ao poderio econômico das escolas particulares, geram resultados mais baixos nos sistemas de avaliações se comparados aos índices obtidos pelas instituições privadas de ensino. O segundo artigo a ser mencionado, escrito por Alves em 2014, com o título “Crítica à razão gestacionária na educação: o ponto de vista do trabalho.” Nele, o autor evidencia que o ensino público tem sofrido cada vez mais a influência do modelo de gestão escolar da rede particular que imagina a escola como empresa, na qual o objetivo geral sempre é o aumento do

lucro, no entanto, no caso da rede escolar, a associação é feita no sentido de se atingir melhores índices educacionais e assim garantir e afirmar qualidade de gestão dos administradores do Estado.

No terceiro texto, de Volpe, no ano de 2013, com o título “O financiamento da educação de jovens e adultos em municípios mineiros no período de 1996 a 2006: até quando migalhas?”, encontramos a análise da autora a respeito do baixo investimento do poder público do Estado de Minas Gerais no período de 1996 a 2006, nas escolas públicas que ofereciam no período Educação de Jovens e Adultos (EJA). A precarização das escolas, geraram complicadores para muitos de seus alunos conseguirem atingir o objetivo de concluírem os ciclos da educação básica.

No artigo de número quatro, de Brandão, Canedo e Xavier, de 2012, intitulado “Construção solidária do habitus escolar: resultados de uma investigação nos setores público e privado”, as autoras desenvolvem os perfis de gestão nas escolas públicas e nas escolas particulares com o intento de verificar as interferências geradas por estas formas de administração do ensino. Verificando por meio dos índices das escolas em avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como o tratamento dado pela comunidade escolar nos ensinos público e privado, diferenciam resultados e compreendem as possibilidades de cada um.

Por fim, entre o último artigo com ligação ao descritor gestão educacional no SciELO, encontra-se o texto de Davies, de 2010, intitulado “Os procedimentos adotados pelo tribunal de contas do Piauí para a verificação das receitas e despesas vinculadas à educação.” Nessa produção, o autor dimensiona o tratamento dado pela Lei aos investimentos destinados ao ensino público no Estado do Piauí, verificando que a destinação das verbas públicas para este fim foram sendo gradativamente aumentadas em um período que se deu a partir de 1998 até o ano de 2004. Com este incremento paulatino, poucas melhorias foram realizadas ao longo dos anos e que, somente a partir das intervenções realizadas pelo Tribunal de contas daquele Estado, pode-se então assegurar investimentos mais abrangentes e notáveis, como melhoria dos prédios e melhor aparelhamento das escolas

Prosseguindo a revisão integrativa bibliográfica, pesquisou-se na base de pesquisa Portal Periódicos CAPES, repetiu-se exatamente o mesmo procedimento de pesquisa, ou seja, valendo-se do descritor gestão educacional, no período entre 2010 a 2015, encontrou-se dezessete resultados. Destes, destacaram-se três artigos. O primeiro

deles, de Romero, publicado em setembro de 2016, com o título “Notas sobre o ensino público,” traz breve análise histórica a respeito da construção do ensino público no Brasil e desenvolve as características que o configuram como sistema diverso ao ensino privado. As intencionalidades da educação pública geram diretrizes sociais de comportamento e favorecimento das classes economicamente mais favorecidas.

O segundo artigo encontrado, escrito por Sauerbronn e Sauerbronn, de 2012, intitulado “Casos de ensino/gestão: competências do gestor público e o medalhão- um conto e um caso de ensino,” apresenta, valendo-se do conto do escritor brasileiro Machado de Assis, *O medalhão*, um paralelo entre o que Machado ilustra em sua obra como uma receita para se tornar alguém conhecido e bem-visto, um medalhão, e a aplicação desta mesma receita ao gestor de escola pública. Compreende-se, por meio da visão dos autores do artigo, que existe certa ideia com relação ao ideal de gestor público. Alguém que seja capaz de gerenciar e administrar a escola com visão empreendedora e de destaque, gerando assim reconhecimento por todo um sistema de ensino.

Por fim, o terceiro artigo encontrado, de autoria de Silva, “O que entendem como papel da escola alunos, pais e professores do sistema público de ensino,” texto de 2012, apresenta a ideia do que sejam os objetivos do sistema público de ensino para a comunidade escolar. A autora indica que a visão apresentada por esse grupo de pessoas a respeito da educação pública. Compreendeu-se que, segundo Silva, a escola pública segue visões políticas produtivistas e mercantilistas, enquanto há, por parte dos governos, busca por chamar a atenção de seus resultados dentro do processo descrito pela autora na educação pública.

Com essas pesquisas nessas importantes bases de dados, foi possível notar que as investigações a respeito da gestão educacional no Brasil, embora sejam profundas em seus conteúdos, ainda carecem de aumento quantitativo e qualitativo para que se identifique melhor as características das diferentes formas de gestão educacional. Desta forma, pode-se dimensionar como a educação é tratada nos âmbitos privado e público. Sendo assim, o caráter de gestão, que varia conforme o mantenedor, quer seja privado, quer seja público, demonstra a intencionalidade da metodologia de ensino e da gestão aplicada por cada setor.

Analisa-se, também, nesta seção, o conceito de dualidade do sistema educacional dividido em escola pública e escola privada. Pode-se afirmar que o

principal efeito da disparidade por essa dualidade é justamente a acentuação das diferenças sociais. Como explica Ball (1995, p. 135), “As desigualdades sociais são bem conhecidas como também os cortes nos orçamentos de saúde e educação por inspiração do FMI/Banco Mundial, nos países de Terceiro Mundo”.

A educação acontece de duas formas bem díspares. Por um lado, observa-se a educação como instrumento de massificação dos indivíduos por meio da institucionalização do sistema educacional público (Ceccon, 2013, p. 33). De outro lado, vê-se a educação servindo a interesses mercadológicos e transformando a visão de como se compreende a educação, pela relação entre empresa e cliente, na perspectiva das escolas privadas (Dale, 1995). Assim, essas visões do mesmo objeto, a educação, geram produtos diversos aos alunos, que serão tratados de modo diverso em ambos os lados, privado e público (Leher, 1999, p. 25).

A ideia de qualidade é diretamente associada como diferencial para a escolha, quando baseada em fatores socioeconômicos. Gentili (1995, p.248) afirma:

Ora, a educação de qualidade como propriedade de (alguns) consumidores remetente, pelo contrário, ao exercício de um direito específico (o direito da propriedade) que só pode efetivar-se em um cenário caracterizado pela existência de mecanismos “livres” de regulação mercantil. A propriedade educacional se adquire (se compra e se vende) no mercado dos bens educacionais e “serve”, enquanto propriedade “possuída”, para competir no mercado dos postos de trabalho (que definem a renda das pessoas também enquanto direito de propriedade). Se isso não fosse logicamente assim, neoconservadores e neoliberais se veriam obrigados a aceitar que a educação é algo mais que uma propriedade e, conseqüentemente, que poderiam – ou deveriam – ser aceitos mecanismos de intervenções externos ao próprio mercado para garantir o acesso à mesma.

A lógica do mercado, como se observa na citação acima, estrutura-se como reguladora da educação, em relação ao mercado e à competição, visando aumentar cada vez mais o lucro de determinada classe social dominante. Sabe-se que a educação no Brasil sempre foi administrada pelo governo. No entanto, o neoliberalismo modificou a lógica do que se pode atribuir a essa *responsabilidade do Estado* no que tange a educação, (Ceccon, 2013, p.22). Essa ótica sempre permeou o distanciamento entre os modelos de ensino adotados pelas escolas públicas e privadas, no Brasil.

Quanto menos intervenções o Estado faz nas políticas educacionais, mais favorece as escolas privadas. Tanto a estrutura física, quanto a forma de administrar e lecionar torna mais gritante a distância entre essas duas instâncias de ensino. Boa parcela das escolas públicas brasileiras está sucateada, funcionando com materiais arcaicos e atrasados, além de muitas vezes contarem com docentes e equipe gestora que

se sentem desvalorizados e desmotivados por conta das políticas públicas do Estado para com esses profissionais da educação. Violência, pobreza social e outras vulnerabilidades que cercam a maior parte das escolas públicas, formam o sistema que só interessa aos valores comerciais e às ideologias de cunho capitalista, na formação de massa alienada e pouco crítica (Leher, 1999, p.26).

Percebe-se claramente que existem interesses mercadológicos nas diferenças encontradas nos ensinos público e privado. Grande parte das escolas públicas geram alunos com pouco ou quase nenhum conhecimento científico, haja vista que, antes de qualquer tipo de conhecimento a ser transmitido, eles não dispõem de subsídios para resolver situações básicas importantes em seu desenvolvimento. Frente a maior parte dos alunos do ensino privado, as disparidades serão imensas e difíceis de serem igualadas, visto que, no sistema particular, os alunos têm um alicerce social e oportunidade de estudar em escola amplamente aparelhada, modernizada e com professores e gestores que se encontram, em sua maioria, motivados e valorizados enquanto profissionais da educação. Isso porque o estudante bem-sucedido é um produto valioso, pois traz mais lucro, na competitividade com outras escolas particulares.

2.3 Gestão escolar

Quanto ao tema gestão, esta revisão de literatura compreende o fenômeno da interação das Ciências Administrativas na educação brasileira, seja pública estadual, seja privada. Antes mesmo de compreender o fenômeno da gestão escolar como empresa, tanto em relação ao ensino público quanto ao privado, faz-se mister compreender fundamentos da educação, ou, como na ideia de Adorno (1995), compreender a questão: *educação para quê?* Na linha de estudos desta pesquisa, a educação é vista como força emancipadora do indivíduo, ou seja, a possibilidade de tornar o indivíduo autônomo e responsável por si, sem ser controlado por outrem. E essa emancipação é examinada por Immanuel Kant em um de seus textos mais conhecidos: “O que é o esclarecimento?”². Ora, visando ao conhecimento como fator emancipador, parece contraditória a ideia de administração da educação a partir de gestores que sejam

²*Aufklärung – O que é o esclarecimento?* Texto no qual o filósofo alemão Immanuel Kant discute a ideia de que conhecimento emancipa, ou seja, torna independente todo sujeito que busca conhecimentos. Este ideal kantiano influenciaria mais tarde os iluministas com a ideia de que a luz do conhecimento torna claro e autônomo cada indivíduo. (Reale e Antiseri, 2005, p. 369)

administradores, e não pessoas com fundamentos e conhecimentos sobre educação e com habilidades necessárias à gestão escolar. Pode não parecer haver nenhum problema nisso, dentro da premissa de merecimento do sistema capitalista, porém compreende-se que essa visão acaba por contribuir na manutenção da ideia na qual a educação é compreendida como mercadoria e como um negócio destinado apenas a gerar lucro.

A privatização da educação passa a ser praticada a partir da década de 1980, com o estímulo dado pelo Banco Mundial Internacional (BMI) como estratégia de domínio sobre a educação. Como afirma Ceccon (2013, p.21):

O pensamento neoliberal ainda associava e ainda associa a privatização das empresas estatais como alternativa para o pagamento da dívida externa. Opção que foi muito estimulada na década de 1980 na América Latina pelo Banco Mundial. Depois de quase quatro décadas de contínua expansão de estatizações, muitos países da América Latina começaram a falar seriamente sobre a privatização.

Essa implementação sistemática de privatização favorece apenas o setor privado. No que tange a educação, percebe-se que a ideia de administração escolar entre em voga a partir de empresas educacionais que dão consultoria e utilizam metodologias educacionais gerenciadas. Como explica Ceccon (2013, p. 22),

As companhias educacionais começam a se expandir pelo mundo, empresas de consultoria como a Cambridge Education; organizações privadas para gerir escolas como as charter schools nos Estados Unidos ou as “academias” no Reino Unido; corporações educacionais como Laureate, Cisco Systems, deVry, Bridgewater, Edison Schools; e empresas como a Apollo Global e Kroton Educacional estão ampliando sua área de atuação.

Essa forma de compreender a gestão escolar demonstra visão de mercado sem relação à educação. Toda tarefa de programar e administrar a educação caberá ao gestor que tiver perfil administrativo mais próximo ao do gestor ou do gerente de empresas, como em uma fábrica. Desse modo, percebe-se que existem contradições na necessidade de gerir a educação e na prática de como essa gerência é realizada. Como exemplo, no setor público verifica-se o ingresso de secretários e de outros membros políticos com características de gestores empresariais para gerir as políticas públicas de ensino. Já no setor privado, administradores de empresas são contratados para tratar da escola tal qual uma empresa de qualquer outra natureza.

Na literatura consultada, há amplo cabedal de autores e ideias que apresentam esses três conceitos que são empregados nesta pesquisa. Os ideais apresentados denotam que o caminho percorrido buscou compreender as interferências

da lógica de mercado presentes na educação, tanto pública quanto privada, que dará maior enfoque a uma condição de estrutura “bem azeitada” para que se atinjam os ideais do mercado.

3. Fundamentação teórica

Foram estudados teóricos que tratam do tema desta pesquisa, desenvolvendo teorias e pensamentos que levaram à constatação da transformação da educação em mercadoria.

Para tratar da questão dos ideais de emancipação da educação, inicialmente aborda-se a obra “Educação e Emancipação” de Theodor Adorno. Neste livro, o autor traça importantes considerações a respeito da importância da educação como forma de tornar o indivíduo autônomo e capaz de transformar sua realidade a partir de si mesmo. Para construir o conceito de emancipação, Adorno (1995, pp159-160) inicialmente elabora o conceito de “barbárie”, para elucidar a importância da educação:

Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie.

A barbárie estabelece-se como instrumento de poder utilizado para controlar determinada situação. O filósofo cita o momento histórico do “Holocausto³”, para exemplificar como ocorre essa barbárie, relacionando-a com a educação. Assim afirma Adorno (1995, p. 119):

Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão

Essa forma de violência criticada pelo autor liga-se à importância da educação sendo referencial, pois todo esforço educacional para ensinar as novas gerações a respeito da construção da história humana é válido, com o intuito de impedir que esses eventos terríveis tornem a ocorrer. Adorno destaca, dessa forma, a importância da educação para elucidar o indivíduo em relação a importantes temas, revelando-lhe a história da humanidade. Com relação aos escritos de Adorno, cita-se,

³ O Holocausto ocorreu ao longo das décadas de 1930 e 1940 pela Europa. Um dos principais métodos de extermínio de populações vistas como inferiores pelo regime Nazista. Seus principais alvos eram: judeus, ciganos, deficientes (físicos ou mentais), homossexuais e intelectuais. (Figueira, 2003, p. 347)

neste trabalho, como a educação emancipadora, capaz de evitar barbáries como as ocorridas em Auschwitz, tornou-se mercadoria e fomento de competição dentro do sistema capitalista.

O autor de “Educação e Emancipação” discorre sobre o caráter da autonomia dos sujeitos, que lhes permite encontrar sua posição em nova forma de relacionar-se com a sociedade. No entanto, parece que existe barreira a ser ultrapassada, quanto a isso. Essa posição é apontada por Adorno (1965, p. 180):

O motivo evidentemente é a contradição social; e que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até as instituições, ate a discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo.

Essa dificuldade para ser autônomo, portanto emancipado, parece refletir-se diretamente na condição dos jovens que enfrentam os limites do sistema educacional no rito de passagem intitulado vestibular. Fadados a concorrer por vagas em instituições de ensino superior, todos os estudantes concluintes do ensino médio que almejam carreiras profissionais acabam por se tornar participantes de algo homogêneo, em contradição com o que afirma Adorno. Os alunos transformam-se em candidatos a vagas e são alijados de suas histórias e características próprias para serem apenas números, nessa condição de concorrentes. Há, portanto, afastamento do que o próprio filósofo acreditava ser o ideal emancipador da educação (Adorno, p.181), pois até mesmo os estudantes são transformados, e não autônomos e prontos para serem cidadãos emancipados.

Outro autor que traz fundamentos para esta pesquisa é Roberto Leher, que elaborou a tese de doutorado intitulada “Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização: a educação como estratégia do Banco Mundial para ‘alívio’ da pobreza.” Leher analisa como a educação serve de instrumento aos ideais capitalistas, apontando que os países devedores do Banco Mundial têm a possibilidade de financiar suas dívidas por meio do esforço pela educação. Assim explica Leher (1998, p.108):

[...] trabalhar com a idéia de projetos-orientados voltados para a infraestrutura. O controle dos empréstimos passaria a ser feito conforme metodologia específica, modificando as burocracias dos países tomadores [...]. Em outros termos, a nova orientação instituiu o conceito chave de condicionalidade econômica.

Dessa forma, o controle dos mecanismos de aplicação dos fundos emprestados passa a ser da instituição financeira, que organizará, no caso da educação, como os insumos deverão ser aplicados. A lógica de mercado, de gerar competição e gerenciar o público com fins plenamente lucrativos, torna-se tarefa mais fácil quando se tem o controle da situação por meio do poder econômico.

Otaviano Helene (2013) aprofunda as discussões em torno das formas como a educação é vista pelas políticas públicas no Brasil. Destaca a ideia das profundas marcas deixadas pela desigualdade social na formação dos brasileiros. Assim reflete Helene (2013, p. 29):

Há dois processos relacionados à educação que contribuem fortemente para a reprodução futura da concentração de renda no Brasil: a renda das pessoas depende fortemente da quantidade e da qualidade da educação formal que receberam; e, formando um círculo vicioso, a educação das crianças e dos jovens depende, também fortemente, de sua renda familiar. A combinação desses dois fatores faz com que nossa política educacional seja um dos principais fatores de concentração de renda e de reprodução de desigualdades.

Este postulado de Helene reafirma a ideia de que existe grande disparidade na forma como a educação é oferecida na rede pública de ensino no Brasil, pois essa lógica intensifica as desigualdades sociais. O produto que se obtém do círculo vicioso é a manutenção da estratificação social, mantendo mais pobre o pobre e mais rico o rico. Isso poderia ser superado com a adoção de uma outra forma de tratar a educação pública no Brasil. Em vez disso, percebe-se, a reprodução das mazelas e seu perpetuamento (Helene, 2013, p. 2).

Na atualidade, os jovens vêm perdendo seus principais pontos de referência, seja porque esses pontos se modificaram, seja porque não existem mais. É possível inferir que há mudanças profundas no modelo de sociedade a que essa geração de adolescentes pertence. Segundo Certeau (2005, p. 170-171):

Atualmente, ao ampliar desmesuradamente esse espaço, os jovens adquirem um outro significado. Ainda que eles vejam o tempo da informação intelectual se prolongar, sua irresponsabilidade crescer na mesma proporção e também (?) o jogo (ainda que o da delinquência), a ocupação dos cargos pelos adultos se enrijecer e acentuar o rigor das seleções, um fenômeno compensador lhes dá também um outro papel: o saber muda de campo; a experiência profissional perde o prestígio; a educação permanentemente torna-se necessária para todos: a autoridade da idade desvaloriza-se.

Parece-nos evidente que existe nova forma de compreender a identidade do adolescente. Se anteriormente havia certa imutabilidade nas instituições família e trabalho, agora o jovem carece de novas referências, e não aceita as anteriores. Certeau(2005, p. 171) indica, portanto, que a condição da mudança de campo ocorre justamente quando não há mais valorização das experiências profissionais.

Outro importante autor que fundamenta esta pesquisa é o educador e pedagogo brasileiro, Paulo Freire (1921-1997), que entre outros assuntos, pensou a questão da intencionalidade e da qualidade da educação. É possível determinar o que é educação de qualidade? Freire (2001, p.21) faz importante discussão a respeito do tema. Inicialmente, discorre a respeito da impossibilidade de se ter educação completamente neutra, livre de direcionamentos. Como nos mostra a seguir:

Me parece fundamental, neste exercício, deixar claro, desde o início, que não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade. A impossibilidade de ser neutra não tem nada que ver com a arbitrária imposição que faz o educador autoritário a “seus” educandos de suas opções.

A educação, a partir desta afirmação de Freire, torna-se meio para a realização de determinado objetivo, de determinado projeto. Exatamente por isso que a educação não será capaz de neutralidade. Há sempre intencionalidades por de trás do projeto educacional. Isso nos faz refletir a respeito da educação instrumentalizada para os vestibulares. Deste ponto de vista, compreende-se que a intenção de aprovar realiza o objetivo dessa forma de projeto educacional. Entretanto, verifica-se que se afasta do que se pretende com o projeto de educação emancipadora, corroborando com o pensamento de Adorno. A educação deve buscar a autonomia e tornar os indivíduos que caminham por seus trilhos capazes de pensarem por si e melhor construir sociedades democráticas com mais éticas. Como Freire (2001, p.21) explica:

É por isso que o problema real que se nos coloca não é o de insistir numa teimosia sem sucesso – a de afirmar a neutralidade impossível da educação, mas, reconhecendo sua politicidade, lutar pela postura ético-democrática de acordo com a qual educadoras e educadores, podendo e devendo afirmar-se em seus sonhos, que são políticos, se impõem(...)

A visão de Freire busca a educação como forma de se criar nos estudantes visões críticas a respeito de suas sociedades e que vejam suas realidades de forma reflexiva para que possam se tornar mais autônomos e capazes de transformar tudo aquilo que se tem como injusto. Seguindo-se a isso, Freire (2001, p.21) indica que aos educadores que devem:

1) deixar claro aos educandos que há outros sonhos contra os quais, por várias razões a ser explicadas, os educadores ou as educadoras podem até lutar; 2) que os educandos têm o direito de ter o dever de ter os seus sonhos também, não importa que diferentes ou opostos aos de seus educadores. O respeito aos educandos não pode fundar-se no escamoteamento da verdade – a da politicidade da educação e na afirmação de uma mentira: a sua neutralidade. Uma das bonitezas da prática educativa está exatamente no reconhecimento e na assunção de sua politicidade de que nos leva a viver o respeito real aos educandos ao não tratar, de forma sub-reptícia ou de forma grosseira, de impor-lhes nossos pontos de vista.

Com isso, Freire faz outro importante alerta: justamente por se pretender construir a consciência democrática, é de fundamental importância que os educadores sejam capazes de ouvir e interagir com as mais variadas ideias e conceitos trazidos pelos educandos. É preciso criar espaços para as mais variadas formas de pensar e deve-se evitar ao máximo que se mantenha apenas o ponto de vista do educador perante a pluralidade de óticas apresentadas por parte dos estudantes. A verdade deve ser compreendida como diversas camadas e diversas formas de se entender a mesma realidade. A educação exerce, partindo desse pressuposto, importante função na formação, não apenas intelectual dos estudantes, mas na sua constituição enquanto cidadão íntegro e capaz de exercer a cidadania com plenitude.

As intencionalidades devem estar claras para os educandos. Esta prática deve estar sempre compreendida pelos educadores. Deve-se deixar claro aos estudantes que os professores também possuem seus pontos de vista e os formam por determinadas razões. Esta dimensão é defendida por Freire (2001, p.21):

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas.

A escola não deve esconder suas intencionalidades, seus projetos. E cabe ao professor demonstrar que também é formado por diferentes formas de pensar. O pensamento do educador é formado por sonhos, por diversas elucubrações que muitas vezes são diferentes daquelas construídas pelos educandos e exatamente por isso, deve haver o respeito na maneira de pensar e, principalmente, de ouvir um ao outro e assim construir o conhecimento em via de mão dupla, onde ambos aprendem com o conhecimento do outro. Quanto a essa importância da docência discente, Freire (1996, p.12) afirma:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Não é apenas quanto ao ato de se aprender a melhor forma de explicar os conteúdos. Fundamentalmente é preciso que se compreenda que o educando muito ensina ao seu educador por meio de seus conhecimentos prévios. Muito aprende professor quando este é capaz de ouvir de seus estudantes as diversas formas de ler suas realidades e do que conhecem a respeito de determinados assuntos. A tarefa docente é, por meio desse aspecto, a interminável tarefa de ser discente para aperfeiçoar, como outrora afirmado, não apenas a técnica de lecionar, como também instruir-se com a pluralidade das formas de ser e de se conhecer dos estudantes.

A busca pela autonomia deve ser perene. Do contrário, tende-se a transformar a educação, apropriando-se do conceito de Freire, em *bancária*, ou seja tal como se fosse o professor alguém que faz depósitos de conhecimentos nas mentes dos educandos que aceitam passivamente os conteúdos, sem reflexão crítica a respeito da realidade. Com isso, gera-se relação de opressão, tal como aborda Freire (1987, p.33):

Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.

A significação do conhecimento deve ser clara para que a busca pela autonomia ocorra. O educando deve ser capaz não apenas de assimilar conteúdos, mas fundamentalmente compreender o movimento dialético da realidade frente a seus conhecimentos. A significação, portanto, torna-se urgente para que se possa melhor compreender as concepções do que circundam os estudantes em suas realidades.

Desta forma, pode-se afirmar que Freire traz fundamentais conceitos para que se compreenda a educação como forma de libertar os indivíduos no sentido de lhes possibilitar autonomia e, principalmente, liberdade frente a opressão do sistema. Ao compreender a educação com esses objetivos, demonstra-se que educar é também exercício de cidadania e de construção de valores éticos para formação de sociedade democrática e mais justa na edificação política dos estudantes.

Além de Freire, outro autor que norteia a discussão deste trabalho, é o filósofo e sociólogo alemão Karl Marx (1818-1883). A teoria crítica de Marx nos desvela facetas assaz importantes a respeito do funcionamento do sistema capitalista. No que tange a esta pesquisa, pode-se verificar dois apontamentos muito vivos da teoria do alemão, a saber: os conceitos de mercadoria e de fetiche da mercadoria.

Em algum momento inevitavelmente, segundo Marx(2014, p.15-16), tudo tende a se transformar em mercadoria e possuir valor, de uso e de troca como pode-se observar a seguir:

A utilidade é então a mais importante e indispensável qualidade da mercadoria. A utilidade, que se realiza no uso ou no consumo, confere à mercadoria o seu valor de uso. E é unicamente porque a mercadoria possui um valor de uso que adquire um valor de troca. Um produto absolutamente inútil não poderia se tornar permutável.

A partir desse ponto de vista, compreende-se que toda mercadoria recebe dois tipos de valores. Primeiramente, o valor de uso, que é a sua utilidade perante à sua finalidade. Por sua vez, o valor de troca é atrelado a ideia da utilidade do produto frente ao consumo. Isso faz com que as mercadorias recebam valores diferentes dependendo de sua utilidade e a quantidade de trabalho humano necessário à sua produção, tal como explica Marx (2014, p.17):

Além da utilidade, as mercadorias só têm uma única outra propriedade comum: todas são produtos do trabalho humano, pois sua criação necessitou de um dispêndio de força humana. Pouco importa qual tenha sido a forma desse dispêndio de trabalho. Quer seja procurar um diamante, transportar água ou costurar uma roupa, ele representa sempre um desgaste da máquina humana.

Nesse caso, tece-se certa relação com a escola. O valor de uso é definido pela importância dada, social ou familiarmente, para seu produto, ou seja, o ensino. Justamente por conta deste valor de uso, surge o valor de troca, que envolve a quantidade de trabalho humano necessário a sua produção. No caso específico da escola, o trabalho de todos os envolvidos direta ou indiretamente com os estudantes: professores, equipe gestora, funcionários, entre outros. Compreende-se, a partir desta noção que a educação é um produto, ou uma mercadoria, taxada por seu valor de uso e valor de troca, compreendidos pela relação da quantidade de esforços humanos para a sua produção.

O conceito de valor de uso e de troca, aplicado à escola, é chave para que se compreenda a mercantilização da educação, tal como explica Cafiero (2015, p.21):

O valor da mercadoria se baseia na sua qualidade própria: se ela é para beber, para comer ou para divertir. Portanto, essa qualidade é determinada para satisfazer uma determinada necessidade e não qualquer outra de nossas necessidades. O valor de uso dos 20 quilos de café é baseado nas propriedades que o café possui e são tais que nos dão a bebida café, mas prestam para obter uma roupa ou qualquer outra coisa. É por isso que só podemos tirar proveito do valor de uso dos 20 quilos de café se sentirmos a necessidade de beber café, mas, se, ao contrário, precisasse de uma camisa e não dos 20 quilos de café, que tenho em mãos? O que fazer? Não saberíamos, se a mercadoria não tivesse também, junto com o valor de uso, o valor de troca. Encontramos agora uma pessoa que tem uma camisa, da qual não tem necessidade, mas precisa do café. Então fazemos uma troca. Eu lhe dou os 20 quilos de café, e ela me dá a camisa...

No caso da escola, a troca ocorre no momento em que a escola, no caso, produz os saberes necessários à aprovação nos vestibulares e troca, por meio do valor de uso e de troca, com as famílias dos estudantes, monetariamente sua mercadoria em forma de serviços prestados com o intento de se alcançar o objetivo de aprovar-se em vestibulares. Essa noção torna clara a dinâmica mercadológica da educação em forma de troca de interesses e de objetivos das partes interessadas, escola/empresa e família/cliente.

Por possuir certo controle ideológico nas famílias, a aprovação nos vestibulares passa a receber caráter de fetiche, que é outro ponto importante aspecto da teoria marxista para o propósito de análise crítica da mercantilização da educação. O fato de que a aprovação no vestibular parece ter se tornado o grande fetiche dessa mercadoria. Para melhor exemplificar a ideia de fetiche tem-se a definição apresentada por Alavi, Arato, Barret, et. al (1994, p.241):

Marx nos diz que, na sociedade capitalista, os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. Essa síndrome, que impregna a produção capitalista, é por ele denominada fetichismo, e sua forma elementar é o fetichismo da mercadoria enquanto repositório ou portadora do valor. A analogia é com a religião, na qual as pessoas conferem a alguma entidade um poder imaginário. Mas a analogia é inexata, pois, como Marx sustenta, as propriedades conferidas a objetos materiais na economia capitalista são reais e não produto da imaginação.

Como a educação torna-se mercadoria e, portanto, valor de troca, a aprovação no vestibular, objetivo maior da maior parte das instituições privadas de ensino, torna-se o fetiche. Ou seja, recebe status de força maior capaz de realizar os desejos daqueles que atingem a meta de ser aprovado para estudar em instituições de ensino superior respeitadas academicamente e pelo mercado de trabalho.

Desta forma, a teoria crítica auxilia a compreender e traçar paralelo entre a dinâmica mercadológica como um todo e o contexto no qual a escola esta inserida. As definições apresentadas pelo filósofo alemão tornam mais claras a compreensão da lógica de mercado e pode-se, seguramente, ser encontrado na atual sociedade no modelo de gestão educacional.

Estes são, portanto, os princípios norteadores para a pesquisa básica, quanto aos temas relacionados com a educação e seus ideais mais tradicionais, ou seja, de tornar o indivíduo capaz de ser autor de sua própria história. Esses princípios foram mobilizados no sentido de subsidiar a análise a respeito das condições da lógica de mercado para intervir na educação, de modo a explorar os potenciais lucros retirados dessa intervenção.

4. Metodologia

Toda pesquisa científica deve ser estruturada por meio de métodos bem definidos. Como afirma Demo (1987, p. 19):

[...] é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata o método.

Esta pesquisa foi pautada em dois tipos de método de investigação. Primeiramente, uma pesquisa de ordem básica, ou seja, teórica. de extrema importância justamente por embasar a leitura da realidade. Para melhor compreender o que se estuda é preciso conhecer o que outros autores já detectaram em suas investigações. Como explica Demo (1987, p. 23):

Alguns procedimentos são fundamentais para a formação de um quadro teórico de referência. Um primeiro pode ser o domínio dos clássicos de determinada disciplina. Eles trazem a acumulação já feita de conhecimento, as polêmicas vigentes, à cristalização de certas práticas de investigação, o ambiente atual da discussão em torno do assunto, e assim por diante. O conhecimento criativo dos clássicos – não a mera leitura passiva ou a de discípulo ingênuo – é uma das formas mais comuns da pesquisa teórica.

A pesquisa de natureza básica deve estar pautada em criticidade, tanto na escolha de termos e teóricos quanto na forma de embasar uma ideia particular.

Outro método de pesquisa foi a exploratória, por meio de entrevistas semiestruturadas, para compreender se há pressão por parte das escolas e da sociedade representada pelas famílias em referência aos alunos, tanto do ensino público, quanto do ensino privado. Foi realizada uma investigação de ordem qualitativa para obtenção e leitura dos dados. As respostas dos alunos foram analisadas à luz dos teóricos consultados.

A delimitação do universo, também conhecida como descrição da população ou da amostra, torna possível compreender como se deu a escolha de determinado grupo para a pesquisa, tal como afirmam Lakatos e Marconi (2003, p. 223):

Conceituando, universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. Sendo N o número total de elementos do universo ou população, o mesmo pode ser representado pela letra latina maiúscula X , tal que $XN = X1; X2; X3; \dots; XN$. A delimitação do universo consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos etc. serão pesquisados, enumerando suas características comuns, como, por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem, comunidade onde vivem etc.

Tendo estas considerações em mente, elegeu-se a população a partir de critérios estabelecidos por ordem de interesse dos possíveis participantes no âmbito da pesquisa. Dessa forma, nesta pesquisa de natureza qualitativa, a população ficou constituída de sujeitos, cinco deles oriundos do ensino público estadual, e os outros cinco, do ensino privado. Em cada grupo foram entrevistados quatro alunos do último ano do Ensino Médio. Foi entrevistado também, em cada grupo, um coordenador pedagógico ou equivalente. Esses coordenadores foram entrevistados para que se pudesse conhecer a visão institucional das escolas e suas próprias visões como profissionais diretamente envolvidos com educação.

O critério para a constituição dos grupos foi: pessoas que estivessem em escolas de ensino médio de um município da Região Metropolitana do vale do Paraíba. No município pesquisado há ao todo cento e sete escolas: vinte e uma escolas públicas estaduais, todas oferecendo ensino médio; trinta e nove municipais, com apenas uma ofertando o ensino médio e quarenta e três de ensino particular, dezoito delas oferecendo ensino médio.

Foram selecionadas duas escolas, uma particular, e a outra, pública estadual. A escola pública estadual foi eleita seguindo o critério de ser instituição de ensino tradicional no município e na rede estadual e não ter passado por qualquer outra instância de gestão de ensino, como municipal e ou federal. Já a escola particular foi escolhida também por ser tradicional e conhecida no município e por pertencer a rede privada com sistema educacional desenvolvido em função do aprimoramento do estudante que almeja ingressar em universidades. Os alunos ouvidos foram aqueles que tinham como objetivo ingressar em alguma carreira específica em instituições de ensino superior. Vale ressaltar que todos entregaram, devidamente assinadas, ou por seus responsáveis, para os casos dos alunos menores de dezoito anos, as autorizações para participação nesta pesquisa.

Seguindo as recomendações éticas, nenhum aluno foi reconhecido pelo nome. Por terem escolhido carreiras diferentes, cada um foi citado nesta pesquisa pela área em que pretendiam concorrer no vestibular. Por exemplo: Engenharia Química, Medicina, Engenharia Aeronáutica e Fisioterapia, no caso dos estudantes da escola particular; e, História, Gastronomia, Educação Artística e Matemática, quanto aos alunos da escola pública estadual. Essa caracterização, como trabalhado mais adiante na discussão a respeito dos dados, já indica, de certa forma, diferenças de visões dos alunos

dessas duas redes de ensino. Por sua vez, os professores coordenadores foram identificados como PCEPV (Professor Coordenador da Escola Privada) e PCEPB (Professor Coordenador da Escola Pública).

Foram realizadas entrevistas estruturadas, englobando entrevistas individuais com roteiro predefinido. Ou, como definem Lakatos e Marconi (2003, p. 197): “É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano”.

Com esse método eleito, estabeleceu-se o roteiro para as entrevistas: a primeira questão feita aos alunos referia-se à importância dada por eles ao vestibular. Foi possível compreender como os estudantes percebem o exame de admissão e se realizam autopressão. A segunda questão objetivou compreender como as famílias dos discentes veem o vestibular e se fazem pressão nos alunos. A terceira questão, também com o mesmo intuito, buscou compreender como a escola que os adolescentes frequentam, trata o vestibular e se pressionam os alunos na busca por aprovações. Em seguida, questionou-se como ocorreu a escolha da carreira eleita. Com esse questionamento, buscou-se saber quais fatores mais influenciam o jovem em sua escolha profissional. Por fim, a última questão versava a respeito da relação entre carreira e sucesso, para compreender se o adolescente considera o sucesso financeiro como mais importante do que realizações profissionais e pessoais em sua escolha profissional.

Para os coordenadores pedagógicos foram feitas quatro perguntas. A primeira visava compreender como esse profissional da educação vê a formação dos alunos concluintes do ensino médio. A intenção era também perceber o panorama geral feito pelo coordenador pedagógico. A segunda questão era referente justamente à visão da instituição quanto ao vestibular. Dessa forma, foi possível compreender o tratamento dado pelas duas redes de ensino ao exame de seleção para o ingresso às universidades. A terceira questão era referente à ideia de carreira e sucesso. Também como se fez com os alunos, buscou-se compreender como esses profissionais observam o sucesso e a relação com as carreiras profissionais. Por fim, questionou-se como ocorreu a escolha do ofício de professor e como decidiram tornarem-se coordenadores. O intuito dessa

indagação era perceber a visão pessoal desses profissionais quanto ao exercício de sua profissão e o porquê de terem optado pela coordenação.

Esse instrumento de coleta foi utilizado para auferir maior liberdade, além de estabelecer melhor relação entre o entrevistador e o entrevistado. As questões versaram a respeito de: escolha por determinada profissão; interesse na carreira; motivações/desmotivações para a escolha de determinado campo profissional; a compreensão de sucesso; pressão das famílias e da escola quanto à aprovação nos vestibulares, no caso dos alunos. E também sobre a noção de educação, a importância da escola na vida dos estudantes, a orientação das possíveis carreiras dos alunos e as expectativas da escola quanto à aprovação dos alunos no vestibular.

O roteiro das entrevistas seguiu baseado na forma de história oral, que de acordo com Meihy (2005, p.17):

Como toda definição de tema complexo, é difícil precisar o que é história oral, pois essa prática, além de renovada pelo uso dos aparelhos eletrônicos e com fundamentação moderna, é dinâmica e criativa, fato que torna discutível qualquer conceituação fechada. Pode-se, em nível material, considerar que a história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos.

Como é possível observar, esse método deu liberdade aos entrevistados para que melhor relatassem suas experiências e visões acerca dos processos de formação e da escolha de suas profissões. Dessa forma, foram estabelecidos critérios para investigação e análise dos dados obtidos nas entrevistas. Por conseguinte, foi possível compreender como o fenômeno da mercantilização da educação interfere nas escolhas e nas vidas dos estudantes conuintes do Ensino Médio, tanto nas escolas de ensino privado, quanto nas escolas de ensino público.

Para coletar os dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, Obtiveram-se respostas livres que possibilitaram a análise. Após o comitê de ética em pesquisa autorizar a pesquisa, as entrevistas tiveram início na escola privada, que foi a primeira a permitir a realização da investigação junto a seus alunos. Como os alunos estavam em período de avaliações, o pesquisador foi instruído a aguardar pelo intervalo na biblioteca, onde aconteceram as entrevistas. Cada entrevista durou em média nove minutos. Os estudantes pareceram bastante interessados em participar e logo contribuíram com relatos de suas experiências e visões a respeito da educação. Em data

oportuna, foi entrevistado o PCEPV, que recebeu o pesquisador na sala dos professores e prontamente respondeu às questões. A entrevista durou por volta de quinze minutos.

Na escola pública, o pesquisador foi instruído, também, a realizar as entrevistas na biblioteca, para a qual os alunos se dirigiam quando terminavam suas atividades de sala de aula e eram autorizados por seus professores a participar da pesquisa. Em média, as entrevistas levaram sete minutos. Já o PCEPB atendeu o pesquisador em outra data, após o horário da Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), que é uma reunião do corpo docente para estudos de documentos referentes à educação e para discussão a respeito de situações que ocorrem na escola. A entrevista com o PCEPB durou aproximadamente dez minutos.

As entrevistas foram transcritas e estão reproduzidas na seção apêndices, desta dissertação.

Após a realização da coleta dos dados, foi realizada a análise dos dados, com base nos pressupostos teóricos relacionados na revisão da literatura. Assim, foram traçados possíveis desdobramentos a respeito das implicações da transformação da educação em mercadoria pela ótica do sistema capitalista. Para tanto, conceitos de mercadoria foram estudados por meio da ótica de Karl Marx, em sua obra mais conhecida, “O Capital.” Com referências à obra “Educação e Emancipação”, de Theodor Adorno, investigou-se a noção dos alunos e coordenadores pedagógicos da escola particular e da escola pública estadual sobre a importância da educação. Já a obra “Um diagnóstico da educação brasileira e de seu financiamento”, de Otaviano Helene (2013), subsidiou a análise da questão da dualidade do sistema educacional brasileiro, quanto à sua organização e financiamento nos setores públicos e privados. Essas definições, juntamente com os dados e o histórico do processo de mercantilização da educação, auxiliaram na compreensão de como ocorre o fenômeno da transformação da educação em mercadoria. Foi possível, então, traçar hipóteses com o intuito de buscar formas de tentar dissolver essa realidade à luz dos princípios básicos da educação.

Do ponto de vista metodológico, as entrevistas foram devidamente transcritas, com base nas orientações técnicas da História Oral. Como informado no subitem 4.1, neste relato de pesquisa os alunos não estão identificados por seus nomes, mas pelas carreiras por eles escolhidas: Engenharia Química, Engenharia Aeronáutica, Medicina, Fisioterapia, Gastronomia, Matemática História e Educação Artística. Já os professores coordenadores estão identificados em sigla que os identifica apenas perante

a rede de ensino em que trabalham: Professor Coordenador da Escola Privada (PCEPV) e Professor Coordenador da Escola Pública (PCEPB).

As análises das entrevistas seguiram abordando os temas da mercantilização da educação, estudando-se o processo histórico de dualidade de gestão escolar no Brasil e, por fim, analisando-se a pressão sofrida pelos estudantes frente ao vestibular. Dessa forma, compreendeu-se como ocorre a transformação da educação em mercadoria e conheceram-se as possíveis consequências desse processo na sociedade, tendo como base os resultados da investigação desses fenômenos em duas escolas de um município da Região Metropolitana do vale do Paraíba.

5. Discussão

Nas seções que seguem, faz-se uso dos resultados das entrevistas para gerar diálogo com os autores que analisaram a questão da educação mercadológica, com o intuito de compreender como ocorre esse fenômeno. A discussão entre as respostas dos entrevistados e os conceitos e ponderações dos teóricos auxiliaram a responder a questão proposta, quanto às implicações sociais da transformação da educação em mercadoria

5.1 O apito da máquina escolar (ou de como a educação se tornou um produto)

Na sociedade brasileira as organizações estão pautadas pela ótica do capitalismo, e por conta disso compreende-se que tudo o que existe tende a ser posto como produto a ser vendido. Esse fenômeno é denominado mercantilização. Essa transformação modifica o trabalho em mercadoria em algo a ser comercializado. O filósofo alemão Karl Marx (2014, p. 15) explica:

A mercadoria é um objeto produzido pelo trabalho humano, que é trocado por seu produtor em vez de ser por ele consumido e que, por suas propriedades, satisfaz às necessidades humanas de qualquer natureza, diretamente como meio de subsistência ou indiretamente como meio de produção. A utilidade é então a mais importante e indispensável qualidade da mercadoria. A utilidade, que se realiza no uso ou no consumo, confere à mercadoria o seu valor de uso. E é unicamente porque a mercadoria possui um valor de uso que adquire um valor de troca. Um produto absolutamente inútil não poderia se tornar permutável.

No caso da educação, o que é produzido pelo trabalho humano é o conhecimento. No entanto, questiona-se sobre a utilidade desse conhecimento. Seguindo o raciocínio de Marx, para a utilidade da mercadoria, o conhecimento deve ser de qualidade, visto que proporciona àquele que o adquire habilidades que o capacitam a realizar tarefas de seu cotidiano. No entanto, como o objetivo maior do vestibular é o ingresso em universidades, o conhecimento, produto do trabalho humano na escola, é transformado em mercadoria altamente rentável. Nesse ponto, buscando seguir na trilha do pensamento do filósofo alemão, existe um valor de utilidade para o conhecimento, que agora é visto como meio para se alcançar a aprovação no exame de admissão.

Exatamente por possuir essa grande valia, na sociedade brasileira a forma com a qual a educação é tratada passa a ser vista como porta de entrada para universidades aumentando assim a chance de o vestibulando ser bem-sucedido na vida. Seja na rede privada de ensino, seja na rede pública de ensino, estudar em escolas que proporcionem qualidade e aumentem as chances de aprovação fazem exatamente o papel de manter as desigualdades, tanto internamente, quando se pensa no sistema educacional, quanto socialmente, visto que mantém as desigualdades ao oportunizar para apenas menor parcela de estudantes chances de obter êxito nos vestibulares mais concorridos. Assim, a educação passa a ser vista como mercadoria com valor tangível, em decorrência de sua utilidade como meio para acesso à universidade.

A transformação da educação em produto, ou mercadoria, faz com que seja compreendida como algo comparável por seu valor de troca. Marx (2014, p.40) explica que:

Todas as mercadorias são não valores de uso para aqueles que as possuem e valores de uso para aqueles que não as possuem. Por isso, elas precisam passar sempre de uma mão à outra. Mas essa mudança de mão constitui sua troca, e sua troca, as relaciona umas com as outras como valores e as realiza como valores. É preciso, então, que as mercadorias se manifestem como valores antes de poderem se realizar como valores de uso.

Desse modo, a educação torna-se produto a ser consumido por aqueles que possuem condições para adquiri-lo. E as escolas tornam-se as detentoras de produto que, para as instituições não possuem valor de uso, mas que para as famílias possui valor de uso como meio para que seus filhos tornem-se melhor capacitados na corrida pelas vagas nas universidades. Algo comum no mercado como um todo é a disputa mercadológica por mais clientes, entre as escolas isso é algo comum também. Zanten (2014, p. 99) afirma que:

Os estabelecimentos também competem para obter recursos outros além dos alunos, tais como opções mais ou menos prestigiosas ou professores mais qualificados, bem como um pessoal de apoio mais importante. Entretanto, na maioria dos casos observa-se que essa concorrência está estritamente ligada à concorrência por alunos.

Tal como ocorre entre empresas e outros meandros do sistema capitalista, entre as escolas também ocorre esta competição para aumentar o número de clientes. No caso, oferecer o melhor produto por um preço que possa ser considerado justo dentro da relação de custo-benefício. As famílias pagam para que seus filhos tenham diferencial na busca pela vaga em universidades. As escolas ofertam os melhores docentes, os

melhores equipamentos, os melhores sistemas de ensino para que seus alunos-clientes logrem êxito em seus projetos de aprovação.

A lógica do mercado parece simples e se encaixa perfeitamente na realidade escolar. E isto não se restringe apenas ao sistema privado de ensino. As escolas públicas também encaram, entre si, concorrência para aumentar o número de alunos aprovados em universidades, mas principalmente a construção da melhora de índices em avaliações externas realizadas pelos governos com o intuito de aferir a qualidade da educação pública. Esta concorrência é vista da seguinte forma para Zanten (2014, p.95):

A concorrência é um fenômeno comum a todos os contextos escolares? Sob determinado ponto de vista teórico, a concorrência é uma dimensão que diz potencialmente respeito a todas as organizações cuja atividade se inscreve necessariamente em um meio institucional. Ainda que esse fenômeno tenha sido menos analisado nas escolas do que em outras organizações, um estudo global da literatura mostra que, na maioria dos sistemas educacionais, a concorrência entre escolas se desenvolve em razão do impulso de políticas de autonomia dos estabelecimentos e da livre eleição da escola pelos pais, mas também em razão do desenvolvimento parcialmente autônomo de estratégias educacionais ambiciosas por parte dos pais.

Buscar melhores condições para seus alunos, professores e todos aqueles que convivem na comunidade escolar, parece secundário dentro do impulso em atingir as melhores condições em índices escolares. A concorrência, que em um ponto de vista liberal garantiria qualidade, visto que se esperaria melhoria dos serviços ofertados pelas escolas públicas, na verdade acaba por acirrar as disputas meramente com o intuito de aparecer entre as melhores escolas públicas de determinada instância, municipal, estadual ou federal, mas sem se preocupar com a qualidade do ensino, ou mesmo a melhoria do sistema público de ensino como um todo a partir da troca de informações e práticas que funcionam nas escolas de determinada região. (Zanten, 2014, p. 96).

A noção de que a escola privada é direcionada para aprovação no vestibular, e, portanto, espera-se que seu objetivo mercadológico seja atingido, fica claro com a fala da estudante Engenharia Aeronáutica, que percebe a pressão feita por sua família e por sua escola pela aprovação no vestibular:

É, dão mais importância do que eu. Eles dão bastante importância a isso, mas eles vêem a mesma coisa que eu vejo. Aliás, eles me colocaram nessa escola justamente com esse propósito. Acho que é muita importância. Principalmente em relação à concorrência pela universidade... Eu acho que é para obter resultados de aprovação mesmo.

Esta aluna percebe os princípios de concorrência e consegue, inclusive, detectar a característica de se obter número de aprovações como forma de demonstrar o sucesso da escola nos vestibulares. A mercadoria passa a ter valor de troca e ganha seu valor de uso na medida que a família/clientela, sente-se confortável com os resultados da escola/empresa que justifica o investimento econômico feito.

O *treinar* para o vestibular, um dos *produtos* ofertados pela escola privada, também está contemplado. Como explica o PCEPV:

Toda formação do ensino médio já é voltada para o vestibular. Então, o sistema de provas hoje contempla prova dissertativa e prova de múltipla escolha e um simulado, também no formato múltipla escolha desde a primeira série do ensino médio, ou seja, ele faz esse modelo de prova em todo bimestre em todos os três anos que já é para habilitá-lo. Para que o aluno se acostume com o sistema de vestibular.

Desde o início do ensino médio, o aluno é preparado para o vestibular. Parece que só se pensa nesse objetivo. Fazer avaliações internas seguindo modelos de avaliações externas é a preocupação para aprimorar as habilidades de escolha da melhor alternativa de prova a ser marcada para obter mais pontos. A ideia de transformação de conteúdos apenas para a instrumentalização do saber adéqua-se a ideia de mercadoria com maior valor de troca no mercado.

Outro *produto* ofertado pela escola/empresa é o conforto dado aos alunos/clientes no momento de fazer a prova, como prossegue o PCEPV:

Com relação as informações do vestibular: nós passamos a eles as informações, orientamos pelos sites levamos à palestras de faculdades e universidades. Recentemente, por exemplo, visitaram a feira de profissões da USP. Quando há determinado grupo que faça determinado vestibular como a UNICAMP, a UNESP, que é na cidade próxima daqui, nós montamos vans e deixamos os alunos no local da prova, tudo para que ele fique confortável e ajudá-lo na segurança para a execução da prova.

Conhecer grandes universidades públicas e até mesmo ofertar transporte para os vestibulares destas, serve para melhorar o *produto* oferecido no *pacote* e ao mesmo tempo incentiva os estudantes a buscarem as mais bem vistas instituições de ensino superior para que, em caso de aprovação, o *pacote* demonstre sua eficácia e assim garanta maior número de famílias/clientes buscando a escola/empresa futuramente. Sempre há investimento para que o valor de troca da mercadoria aumente. Atingindo metas e objetivos de lucro cada vez maiores para escola/empresa.

Portanto, percebe-se que a educação sofre o processo de transformação em produto que pode ser valorado, adquirido e comercializado como qualquer outro produto dentro do sistema. Entretanto, tentaremos, a partir da próxima seção, compreender quais possíveis reflexos podem ser observados a partir deste fenômeno em ambas as redes de ensino: privada e pública.

5.1.1 Ensino Público e Ensino Privado: o dualismo dos sistemas

É fato que o processo de implementação do sistema educacional no Brasil foi penoso e a lentos passos. Houve sempre certa lentidão para se pensar e de fato fazer com que a escolarização no Brasil tomasse forma. As primeiras leis instituídas no país que se referiram à educação datam da década de 30 do século 19 (Faria Filho, 2007, p.135). Preocupar-se com o letramento e aprimoramento dos saberes da escola não era uma preocupação daqueles que governaram o Brasil no período da colonização portuguesa, apenas com a independência do país, e posteriormente com a proclamação da República, de fato se pensou na importância de educar.

A partir de 1889, a escola foi vista pelos republicanos como símbolo da construção da ordem e do progresso. No entanto, com as colônias de imigrantes, em sua maioria compostas por italianos, e com o grande número de trabalhadores do campo, criou-se educação excludente, que gerou analfabetos de letras e de ofícios (Carvalho, 1989, p.7). A intenção dos primeiros governantes do período republicano era a de tornar mais urbana a população. O principal intuito era gerar mão de obra qualificada para a indústria recém-instalada no país. No entanto, a educação pública nasce deficitária e não consegue sanar o grave problema enfrentado pela indústria que engatinhava, no início do século 20: falta de mão de obra qualificada. A respeito disso, Carvalho (1989, p.14) pondera:

Desta decomposição resultava a avaliação de que a República tinha falhado, sobretudo por não ter enfreado a questão da organização do trabalho nacional, furtando-se a uma política de valorização do elemento primordial do trabalho – o homem. Não teria havido uma única palavra sobre ensino profissional, nenhum plano de educação dos negros emancipados, nenhum programa geral de combate ao analfabetismo de letras e ofícios

A desorganização do Estado ao na educação pública no objetivo de sanar o problema do ingresso ao mercado de trabalho formal à parcela mais pobre da sociedade brasileira, demonstrou-se clara, como se percebe na afirmação acima. Assim, ele foi responsável pelo agravamento das diferenças sociais brasileiras. Para sanar a desorganização, buscou-se, por meio de reformas educacionais, melhor sistematizar a educação pública. Em São Paulo, as decisões tomadas eram posteriormente replicadas nos outros estados do país, conforme Carvalho (2000, p. 225):

Tão logo proclamada a República, os governantes do Estado de São Paulo, representantes do setor oligárquico modernizador que havia hegemonizado o processo de instauração da República, investem na organização de um sistema de ensino modelar. Assim, a escola paulista é estrategicamente erigida como signo do progresso que a República instaurava; signo do moderno que funcionava como dispositivo de luta e de legitimação na consolidação da hegemonia desse estado na Federação. O investimento é bem sucedido e o ensino paulista logra organizar-se como sistema modelar em duplo sentido: na lógica que presidiu a sua institucionalização e na força exemplar que passa a ter nas iniciativas de remodelação escolar de outros estados.

É possível destacar que, por sua forma de ser implementada e por seu conteúdo, tanto ideológico quanto pedagógico, que a educação paulista era considerada modelo nacional de ensino. As reformas subsequentes seguiriam o mesmo caminho, ou seja, depois de implementadas, serviriam de base para que a educação pública em outros estados alcançassem o êxito atingido pela escola pública de São Paulo. De modo geral, a preocupação na formação de professores mostrou-se prioritária para São Paulo, que, a partir da Reforma Caetano de Campos, estrutura as escolas de formação dos educadores. Em anexo à Escola Normal, existia a Escola Modelo, que servia como laboratório de ensino aos professores que acompanhavam as crianças, assistindo as suas aulas (Carvalho, 2000, p. 225).

Com o período militar (1964-1985), a educação pública ganhou destaque no projeto de implementação de escolas que diretamente fossem responsáveis pela formação da mão-de-obra para as indústrias. Assim, deu-se forma às escolas técnicas. Novamente se percebe que a educação serviu com o propósito de acentuar o tratamento dado pelo Estado à população mais pobre. Com o avanço histórico, essa proposta tornou-se mais clara. Iamamoto (2008, p.31) pondera:

O país transitou da “democracia dos oligarcas” à “democracia do grande capital”, com clara dissociação entre desenvolvimento capitalista regime democrático. Esse processo manteve e aprofundou os laços de dependência em relação ao exterior e ocorreu sem uma desagregação radical da herança colonial na conformação da estrutura agrária brasileira

Essa transição apontada pela autora ocorreu num momento bastante interessante, em que se percebeu na educação a potencialidade de se explorar ideologias e formar cidadãos para o trabalho pouco remunerado e com a função de gerar consumo. Assim, a dependência do capital externo chegou a níveis monstruosos, o que aprofundou na população as desigualdades sociais fomentadas desde o período republicano.

A partir dos anos 1980, o sistema privado de ensino começou a ganhar força no imaginário coletivo. Antes, as escolas privadas eram vistas como um caminho para atingir os próximos níveis da educação, por meio do pagamento das mensalidades em dia, em detrimento da aprovação por mérito. A partir dessa década, no entanto, a ideia de preparar melhor o aluno para os desafios decorrentes do vestibular gerou nova visão para as escolas privadas (Helene, 2013, p.56).

A dualidade do ensino fica evidente quando se percebe até mesmo as escolhas feitas pelos estudantes de cada rede. Nas entrevistas, foi possível perceber que os formandos da escola privada estudada elegeram carreiras com maior remuneração, nas áreas de Ciências Exatas (Engenharia, em dois casos) e de Ciências Biológicas (Medicina e Fisioterapia, com um caso cada). Por outro lado, os alunos da escola pública estudada escolheram carreiras com menor remuneração no mercado, na área de Ciências Humanas (um na carreira de História, um na carreira de Gastronomia e outro na carreira de Educação Artística). Mesmo quem escolheu Ciências Exatas (um caso para Matemática), optou pela carreira docente.

A partir dessas escolhas e da diferença de remuneração dessas profissões no mercado trabalho, a manutenção das desigualdades sociais torna-se evidente, como nos lembra Helene (2013, p. 58):

Os estudantes provenientes dos estratos mais favorecidos da população estão nos cursos mais procurados, de maior prestígio social, que levam a profissões mais bem remuneradas: medicina é o exemplo mais conhecido. Nos cursos que levam a profissões com menores remunerações, os quais são menos procurados (como os de formação de professores), estão concentrados os estudantes dos segmentos economicamente mais desfavorecidos: pedagogia talvez seja o exemplo mais típico.

Este é exatamente a marca do paralelismo entre as duas redes de ensino, pública e privada, que gera profundas desigualdades sociais. Ou seja, em vez de a educação ser uma ferramenta auxiliar, para dissolver problemas sociais, acaba por replicá-los, ao instituir certa barreira e, ao mesmo tempo estratificação social, por meio das redes de ensino (Helene, 2013, p.02). As dificuldades apresentadas nas entrevistas podem ser exemplificadas no depoimento do aluno Gastronomia:

Bom, no começo, há cinco anos atrás, eu não queria fazer gastronomia, a ideia era fazer física. Porém, eu acho que quando você vai escolher alguma coisa, você não pode ir muito por aquilo que você quer. Porque às vezes o que você quer não é o que... você não vai encontrar um mercado no país. Por exemplo, eu quis fazer física, mas não pra dar aula de física, pra ser pesquisador de física. E no Brasil o mercado de trabalho é muito pequeno, ainda mais para uma pessoa jovem que acabou de se formar em física. Então, a menos que eu tivesse uma condição boa de renda e pudesse ir pra fora, pra estudar e exercer lá o cargo de pesquisador de física eu poderia fazer. Mas como a situação não é essa, a gente parte para a segunda opção, que é gastronomia. Que eu sou apaixonado por cozinha. E eu parto de um princípio que existem três coisas que nunca vão acabar no mundo: os médicos os cozinheiros e os técnicos em informática. Todo mundo precisa comer, todo mundo fica doente e ninguém sai da internet. Então, como eu quis seguir cozinha, eu acho que é uma coisa assim, como posso dizer, é entre o bom e o que se pode ser feito no Brasil nas condições atuais.

Essa declaração traça perfil bastante interessante quanto à forma como o aluno da escola pública fez sua escolha profissional, pensando diretamente em sacrificar preferência sua por se tratar de uma atividade pouco reconhecida e de pouca recompensa em termos financeiros. Parece que teve necessidade de sentir-se seguro quanto à profissão eleita, e isso transparece no fato de desejar melhorar sua própria condição financeira. Esse parece não ser o objetivo daqueles que já possuem, por conta do histórico familiar, melhores condições financeiras, como no caso da estudante Medicina:

Eu sempre gostei de ajudar as pessoas. E desde quando eu era pequena e meus pais ficavam doentes, a minha mãe cuidava do meu pai e meu pai cuidava da minha mãe, mas eu cuidava dos dois. Se precisava levar chazinho, eu colocava band-aid. E aí, quando eu fui crescendo, eu comecei a fazer isso com todo mundo. E eu amo cirurgia. Eu amo cortar e eu amo suturar.

Nesse caso, não parece haver preocupação em modificar socialmente a realidade vivida por essa jovem. A escolha é feita de acordo com o gosto pessoal, com o desejo de se fazer algo de maior interesse, em vez de se considerá-la como oportunidade de crescimento financeiro. Essa forma de pensar demonstra a diferença que existe na realidade dos alunos de escolas privadas e na dos alunos de escolas públicas, pois a

possibilidade de escolher é mais viável para os alunos da escola privada do que para os alunos da escola pública.

Os alunos da escola pública parecem ter maior noção com relação às implicações sociais do vestibular. A aluna Matemática tece críticas com relação ao exame:

Bom, pra mim o vestibular ele não é importante. Eu acho que as escolas não deveriam avaliar o aluno por vestibular. Porque é um método ultrapassado, porque mostra pro aluno só o que ele tem que responder ali. Não mostra o conhecimento que ele obteve durante os três anos.

Entender o vestibular como uma forma arcaica e injusta de seleção, traça paralelo com a forma de observar o vestibular partindo-se do pressuposto dos alunos da escola privada. Evidencia-se com isso o dualismo entre o funcionamento interno de educação das duas esferas de ensino. Para os alunos da escola privada, a competição é vista com naturalidade e parte de um processo que mostra quem são os vencedores e, portanto, merecedores das vagas nas instituições de ensino superior mais bem conceituadas. Ao passo que os alunos da escola pública notam que o vestibular na verdade cobra apenas por conhecimentos que não irão necessariamente estar relacionados com suas vivências no curso superior, como declara o estudante Gastronomia:

Em questão do modelo do vestibular aqui no Brasil Como eu disse, eu acho que ele abrange muita coisa pra profissão que a pessoa quer. Por exemplo, vamos supor que um médico, um futuro médico vá fazer um vestibular e lá caia várias perguntas complexas de português. Ele não precisa saber profundo a língua portuguesa. Claro que o básico ele precisa saber, porque ele tem que se comunicar. Então, eu acho que na hora que você for se inscrever pro vestibular, você, por exemplo, colocaria o seu curso, por exemplo, medicina. Então, ele teria uma prova específica com os campos da medicina, ou seja, biologia, química, um pouco de matemática, um pouco de português e é isso. Então, todo mundo que quer fazer medicina, ia fazer essa prova. Por exemplo, quem fosse fazer física, ia ter lá matemática, um pouco de química, um pouco de tudo, mas não aprofundar em campos que não vão ser úteis naquela matéria.

O estudante Gastronomia parte do princípio da instrumentalização dos saberes por parte do vestibular como forma de demonstrar as incoerências do sistema de seleção e como isso acaba por aumentar a dificuldade em se conseguir acesso ao ensino

superior, vez que obriga aos estudantes serem muito eficazes em seus conhecimentos instrumentais em praticamente todas as disciplinas do currículo que compõem o ensino médio. As dificuldades aumentam quando se verifica que na maior parte das escolas públicas brasileiras, principalmente aquelas que servem a maioria da população das classes mais baixas, possuem dificuldades como o mau aparelhamento de suas instalações, potencial número de ausência de docentes, que por vezes precisam acumular redes de ensino para conseguirem melhores condições financeiras para o próprio sustento e muitas vezes não conseguem, por estafa, ministrar aulas melhores para os alunos.

Inúmeros são os produtos e subprodutos dessa diferença de administração interna da educação nas redes públicas e privadas de ensino. No entanto, devemos ter em mente que o tempo todo os objetivos finais serão os mesmos: a educação de qualidade para poucos e a educação de aprovação numérica para a maioria. Para os primeiros, maiores chances de se manterem em suas classes mais abastadas, ao passo que para os segundos, serão números que comprovam a eficácia do sistema governamental e serão a mão-de-obra barata e pouco qualificada para o mercado de trabalho.

Essas visões com relação à escolha da carreira profissional traz outros questionamentos: Como os alunos reagem perante ao fato de terem de prestar o vestibular? Como as escolas tratam o vestibular? Na próxima seção buscam-se possíveis respostas para estas questões.

5.1.2 Na linha de montagem: os estudantes e a educação mercadológica

Ao perguntar aos jovens sobre o vestibular, tem-se contato com suas perspectivas a respeito desse sistema de avaliação. Em termos práticos, é possível evidenciar, a partir de suas respostas, como reagem ao momento em que devem escolher uma profissão e os estudos que pretendem fazer depois de concluído o ensino médio. Além disso, é possível perceber como as escolas tratam o vestibular quanto à importância em se aprovar para possível melhoria de vida financeira para o aluno versus a preocupação da escola em atingir metas e poder competir melhor no mercado.

Com relação ao vestibular, as visões dos alunos são contraditórias. Enquanto os alunos da rede privada de ensino observam o vestibular como uma prova para testar conhecimentos e disputar vagas nas universidades, os alunos da rede pública parecem criticar esse sistema de avaliação e o veem como injusto ou mal elaborado. Os coordenadores pedagógicos colaboram com a visão de sua rede para melhor compreensão do fenômeno da educação mercadológica.

Modelar o aluno para o vestibular parece ser o maior objetivo da escola privada. Assim destaca PCEPV:

Toda formação do ensino médio já é voltada para o vestibular. Então, o sistema de provas hoje contempla prova dissertativa e prova de múltipla escolha e um simulado, também no formato múltipla escolha desde a primeira série do ensino médio, ou seja, ele faz esse modelo de prova em todo bimestre em todos os três anos que já é para habilitá-lo. Para que o aluno se acostume com o sistema de vestibular. Com relação as informações do vestibular: nós passamos a eles as informações, orientamos pelos sites levamos à palestras de faculdades e universidades. Recentemente, por exemplo, visitaram a feira de profissões da USP. Quando há determinado grupo que faça determinado vestibular como a UNICAMP, a UNESP, que é na cidade próxima daqui, nós montamos vans e deixamos os alunos no local da prova, tudo para que ele fique confortável e ajudá-lo na segurança para a execução da prova.

Fórmulas, datas, regras gramaticais, entre outros, parecem ser meros instrumentos a serem utilizados pelos alunos no vestibular. Não apenas dar ferramentas, mas também explicar como utilizá-las, e ter constantemente contato com o formato dos exames de admissão em universidades são ações que demonstram o objetivo da escola: aumentar o número de aprovados e, dessa forma, competir no mercado com resultados que atraem novos clientes.

A própria forma como PCEPV tornou-se coordenador, evidencia o modo como o sistema privado de ensino gerencia suas escolas:

Bom, essa foi uma escolha, meio que pela vida. Eu primeiro busquei a administração de empresas para poder entender do gerenciamento empresarial. Tendo em vista que esta empresa é uma empresa familiar. A gente tem a vontade de dar continuidade à empresa, perpetuar o serviço aqui, o trabalho executado pelo meu pai, pelos meus tios. Então, primeiramente eu busquei uma formação que me permitisse cuidar daquilo que eu já tinha e depois uma complementação em áreas que eu senti necessidade, como a pedagogia e como o marketing. Mas o marketing, mais voltado para a parte administrativa, mercadológica.

Entender a escola como empresa é bastante comum para quem a administra. A gestão feita por quem se graduou em Administração de Empresas e depois fez pós-graduação em Pedagogia, como no caso, parece encaixar-se perfeitamente de acordo com algumas visões da realidade: (1) Ter a escola como empresa, (2) ter visão comercial da escola, (3) gerenciar a escola a partir da lógica comercial e (4) entender a educação como produto mercadológico.

Por outro lado, quando se observa o testemunho de PCEPB, a visão com relação ao vestibular parecer ser muito mais voltada à ideia de promoção de oportunidades de crescimento financeiro: “A escola mostra que existem os vestibulares, deixa que as instituições de ensino superior venham e façam as propagandas e divulgação dos cursos e, dependendo do interesse de cada aluno, eles vão e se inscrevem para esses vestibulares.”

A visão da escola pública caminha para compreender o vestibular apenas como uma prova a ser realizada pelos alunos. Parece que há maior preocupação em ter o aluno formado no ensino médio e, desse modo, ter a escola pública cumprido seu papel de garantir a todos a formação básica é mais importante do que a própria aprovação no vestibular. Fazer número de concluintes é mais importante do que fazer número de aprovados.

Os diferentes pontos de vista quanto ao vestibular não se restringem apenas aos coordenadores, pois nas respostas dos alunos o pensamento com relação ao vestibular parece ter focos diferentes. Aos estudantes da escola privada o vestibular é, como se viu anteriormente, prova para testar conhecimentos e forma de se garantir presença no ensino superior, ao passo que para os estudantes da escola pública há críticas e incertezas quanto a eficácia e a justiça promovida pelo exame de admissão. Veja-se o depoimento de Engenharia Química, da escola privada:

Bom, em relação, assim, à escola, comigo, eu acho, que tipo, eu acho, que a escola da muita importância. Tanto que eles dão um cursinho pra gente da podendo fazendo, então, tipo eles dizem pra gente: “O vestibular é muito importante, tem o cursinho pra vocês estudarem, pra vocês irem bem”. A gente também tem bastante aula voltada para o vestibular. Chega o segundo ano e eles já falam com a gente sobre isso. E, dão bastante prova com exercícios de vestibular, então eles vem preparando você desde o primeiro ano. As provas do sistema de provas deles também são assim. Tem provão nos sábados com todas as matérias, que é o que a gente enfrenta no vestibular mesmo, é, até de, tipo, de faculdade, que a gente faz a prova e depois que termina que tem ir embora. Não fica tendo aula, é uma coisa que, tipo, é o que a gente vai enfrentar daqui para frente. E eu acho, que assim, eles adaptam o ensino médio como se fosse faculdade, como se fosse fazer o vestibular. Eu acho que já vai preparando a gente psicologicamente. E eu acho que isso ajuda pra caramba, porque eu estou muito mais tranquila para o vestibular, por causa da escola, porque eu já enfrento isso desde o primeiro ano. Então eu já tô, tipo, muito mais tranquila.

Treinar para o vestibular parece ser bastante comum para os alunos da escola privada. Percebem que existe essa preparação desde o início do ensino médio carregam a responsabilidade de lograr aprovação no vestibular. Quanto mais se prepararem, maiores serão suas chances de aprovação. Os treinos vão se intensificando e garantindo ao aluno maior segurança. No entanto, surge também a cobrança, como afirma Fisioterapia:

Eu acho que a escola é muito, muito pressão. Tipo assim, os professores ficam: “Você tem que ir prum vestibular e um vestibular bom. Uma faculdade boa, uma faculdade federal, pra ser alguém. Porque se você for ficar aqui nas faculdades da cidade, ou qualquer outra sem nome, não vai ser bom pra você, não vai ser bom para sua carreira.” Acho que é isso. É mais do que da minha família. Minha família, por exemplo, quer que eu vá pra onde eu quiser, entendeu? Eles dizem: “Ah, se quiser ficar na cidade você fica e estuda.” Por mais que não seja uma federal, se eu puder, eu vou ser tão boa quanto numa federal.

No depoimento acima percebe-se a marca da pressão. No caso dessa aluna, existe a percepção de que os professores reproduzem o discurso de aprovação em universidades de prestígio como algo de maior valia do que mera aprovação em alguma universidade não tão bem avaliada. Isso reforça a ideia de se apresentar melhores resultados para o mercado e, assim, ter condições de se colocar como instituição de ensino médio que aprova em universidades de renome.

Se a pressão pela aprovação no vestibular acomete os alunos da escola privada, o mesmo não se pode afirmar quanto aos da escola pública. Os concluintes do

ensino médio do ensino público parecem compreender o vestibular como injusto e pouco lógico. Observe-se o testemunho de História:

Para mim, o vestibular é apenas um meio para alunos escolhidos a dedo para prestar as faculdades públicas, enquanto a gente que estuda em colégio público tem que se esforçar pra ir bem no ENEM e conseguir bolsa ou estudar em faculdade particular. Em resumo é apenas uma troca: ontem eu não paguei para estudar e hoje eu pago a minha faculdade.

Esse aluno apresenta sua visão de que existe dualismo entre os estudantes das escolas privadas e os estudantes das escolas públicas. Apresenta a ideia de que o vestibular é mais voltado aos alunos das instituições de ensino privadas, ao passo que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é mais para os alunos das instituições de ensino públicas. Em suma, esse jovem ainda apresenta certa lógica comum: aqueles que estudaram todo, ou a maior parte, do ensino básico, ensino fundamental e ensino médio em escolas públicas são praticamente obrigados a cursar a graduação em instituições de ensino superior privadas, ao passo que aqueles que estudaram todo, ou a maior parte, do ensino básico em escolas privadas, têm maiores chances de realizar a graduação em instituições públicas de ensino.

Existem também críticas feitas com relação ao que é cobrado pelo vestibular. Matemática afirma que:

Bom, pra mim, o vestibular, ele não é importante. Eu acho que as escolas não deveriam avaliar o aluno por vestibular. Porque é um método ultrapassado, porque mostra pro aluno só o que ele tem que responder ali. Não mostra o conhecimento que ele obteve durante os três anos. Eu acho que deveria ser por carta de intenção, tipo escola americana que eles pegam o aluno por, tipo, ah, você quer fazer tal faculdade, aí você pega, manda uma carta pra tal faculdade, tipo, falando que você quer entrar. Daí, se você tiver apto para entrar em tal faculdade, eles chamam você para uma entrevista, senão, não. Assim eu acho um método mais adequado, porque daí a escola sabe o que você fez durante os três anos e não é uma prova que vai definir o que você vai fazer.

No depoimento acima há a ideia de que o vestibular cobra, não o conhecimento adquirido, mas habilidades e competências apenas para realizar provas. A ideia é, de certo modo, ser testado quanto à capacidade de se responder àquilo que está no objetivo de cada questão do exame. Isso evidencia a tese de que o vestibular pode ser compreendido como instrumental e que não afere as capacidades dos estudantes. Além disso, não considera outros fatores, como a rede de ensino em que o vestibulando esteve

ao longo da vida, ou como apresentou crescimento e potencialidade de crescimento no que tange ao conhecimento de modo amplo, éticos e morais, como cidadão.

Deste modo, entende-se que, num amplo sentido, a educação, quer seja no modelo de gestão privada, quer seja no modelo de gestão pública, passa a se distanciar da visão de formação para a cidadania na escola, tal como projetado por Freire (2001, P.47):

O que me parece imperioso reconhecer é que a responsabilidade que a prática educativa progressista, libertadora, exige de seus sujeitos tem uma eticidade que falta à responsabilidade da prática educativa autoritária, dominadora. Até mesmo da prática autoritária chamada de esquerda que, em nome da justiça social, reduz as classes trabalhadoras a puros objetos de sua ação “salvadora”. É que a ética ou a qualidade ética da prática educativa libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da *natureza* humana constituindo-se na História, como *vocação* para o ser mais. Trabalhar contra esta vocação é trair a razão de ser de nossa *presença no* mundo, que terminamos por alongar em *presença com* o mundo. A exploração e a dominação dos seres humanos, como indivíduos e como classes, negados no seu direito de *estar sendo*, é imoralidade das mais gritantes.

A educação, partindo desse pressuposto, deve ser encarada como forma de libertação dos indivíduos que modelarão novas formas de sociedades voltadas para a equidade, democracia e justiça social. Torna-se indispensável a maneira de educar libertadora. Freire indica, dessa forma, que não se deve retroagir e aceitar a educação impositiva e hermética que visa meramente interesses mercadológicos, como o da aprovação em vestibulares.

Desta forma, destaca-se que a lógica do mercado pode e precisa ser vencida por aqueles que lutam diariamente nas *trincheiras* da educação, dentro de escolas, salas de aula e, até mesmo, dentro de gabinetes que determinam políticas públicas para a educação. A sociedade, como um todo, deve ser fiscal e apoiar a mudança de mentalidade para que a educação seja, no ideal do educador brasileiro, libertária e capaz de formar sociedade mais justa e mais comprometida com valores humanísticos, como o de autonomia e fundamental liberdade para que todos possam ser respeitados e compreendidos como iguais perante as Leis e aos demais cidadãos.

Considerações finais

Por meio de análise dos dados encontrados, pode-se afirmar que existem situações *sui generis*. A visão construída ao longo dos anos, a respeito do objetivo da escola de formar cidadãos íntegros e capazes de exercer a cidadania, parece ter sido substituída pela lógica de produção capitalista. Assim, fomentam-se competições e, por meio da falácia da meritocracia, desenvolve-se a ideia de que o objetivo de estudar é unicamente garantir melhor posição social e prestígio, por conta da carreira escolhida.

A escola passa a reproduzir o modelo social em seu ambiente. Na escola privada, os alunos são condicionados, como se fossem trabalhadores da linha de montagem, a repetir fórmulas, datas e dados com o intuito de conquistar vagas nas universidades. Logrando êxito, aumentam os índices de aprovação, para que se garanta, a qualidade do ensino aplicado por aquela instituição e, assim, ela consegue atrair novos clientes/alunos. Já na escola pública, o ideal é aumentar o número de concluintes do ensino médio, objetivando a aprovação populacional de determinado governo que gera a educação pública, para que ele justifique, desse modo, a manutenção do poder daquele que governa e, portanto, continue a controlar a máquina pública na educação.

O dualismo presente neste cenário, ou seja, os objetivos de cada rede de ensino, traz desdobramentos sociais. Tendo em vista que o sistema de aprovação por meio do vestibular, como afirmou o aluno da escola pública História, elege aqueles que poderão estudar em universidades, terão maiores chances aqueles que trilharem seus caminhos em instituições de ensino que preparam os estudantes para lograrem êxito nessa empreitada. Aos que estudam na rede pública, automaticamente tornam-se índices de aprovação do governo e, se quiserem ter melhores condições sociais, devem trabalhar para pagar por seus estudos, ou buscar financiamentos por meio do governo que atua, dessa forma, para aumentar os índices de ingresso também no ensino superior.

Aqueles que estão em meio a rede particular de ensino, estudantes e profissionais da educação, não conseguem perceber as implicações sociais que constroem, ainda que de modo inconsciente. Não concebem a reprodução das realidades e disparidades sociais do sistema dentro da escola. Como afirmado anteriormente, não há problema em estudar para alcançar melhorias sociais; o que se questiona e percebe-se como problema é a forma como isso é feito. Existem injustiças e, velada ou explicitamente, segregação social por meio da educação. Por outro lado, os alunos da

escola pública, aparentam estar mais críticos a situação, justamente por serem a parte que se torna mais influenciada no sentido de terem maiores dificuldades para conquistarem novas posições sociais por meio da educação. Os alunos História e Matemática, apresentam esta criticidade ao afirmarem que o vestibular é forma injusta, ao seu ponto de vista, de selecionar alguns poucos indivíduos oriundos das escolas privadas para estudarem em instituições públicas de ensino superior, geralmente melhor classificadas pelo mercado do que as faculdades privadas, salvo pequenas exceções.

Se Adorno questionou “educação para quê?”, hoje é possível, além de manter essa pergunta, fazer outra: “educação para quem? As contradições desse sistema educacional apontam para que respondamos a ambas as questões. Primeiro, a educação acaba por servir, na questão de Adorno, aos interesses mercadológicos do sistema que visa manter a estratificação social tal como é. Aos mais afortunados, melhores condições de educação para que sejam mantidos nas classes mais altas. Já para aqueles procedentes das classes menos afortunadas, o destino é selado para que sejam números que garantam a eficiência de determinadas política públicas e principalmente, sejam a mão-de-obra barata e pouco qualificada para competir no mercado de trabalho cada vez mais concorrido. A estes, a pouca instrução servirá, inclusive, como mote para afirmações preconceituosas e reprodução de ideologias que afirmam que aqueles que não estudam buscam o menor esforço e por isso não merecem outra sorte, senão aquela que encontram.

A educação para quem, da segunda pergunta, apresenta a resposta intrigante. A educação é para todos. A intencionalidade e os objetivos da educação é que tornam-se, num primeiro momento paralelas, devido as formas de organização interna do sistema educacional privado e público, no entanto, convergem exatamente para o mesmo ponto: manter as desigualdades sociais como produto. Portanto, a educação de qualidade, entendida como aquela capaz de alavancar os alunos às universidades públicas, é para os poucos capazes de se manterem economicamente. Percebem-se valores de mensalidades cada vez mais exorbitantes, muitos inclusive, ultrapassando ainda no ensino fundamental, o que é cobrado mensalmente em instituições de ensino superior. A educação, desta forma, não é para todos, é para poucos.

Referências

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALAVI, Hamza. ARATO, Andrew. BARRET, Michele. (Et.al). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ALVES, Wanderson Ferreira. “Crítica à razão gestacionária na educação: o ponto de vista do trabalho.” In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.19, n.56, p. 37-59, mar 2014.

BALL, SJ. “Mercados educacionais, escolha e classe social: o mercado como uma estratégia de classe.” In: GENTILI, Pablo (org). **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

BRANDÃO, Zaia. CANEDO, Maria Luiza, XAVIER, Alice. “Construção Solidária do habitus escolar: resultados de uma investigação nos setores público e privado.” In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.17, n. 49, p. 193-218, abr 2012

BRANDÃO, Zaia. CARVALHO, Cynthia Paes de. “Qualidade do ensino, balanço de uma década de pesquisas.” In: **Educ. Soc.**, Campinas, v.36, n.131, p. 445-458, abr-jun 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAFIERO, Carlo. **Compêndio de O Capital**. São Paulo: Aeroplano Editora, 2015

CARVALHO, M.C. **A escola e a república**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

_____. Reformas da Instrução Pública. In: FARIA FILHO, L. M.; LOPES, E. M. T. ;VEIGA, C. G. (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Saraiva, 2000.

CECCON, EC. **A privatização da educação básica na América Latina: análise de publicações científicas internacionais de 1992 a 2012**.Campinas, SP: [s.n], 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **A cultura no plural**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus: 2005

CUNHA, Luiz Antônio. GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DALE, R. “O marketing do Mercado educacional e a polarização da educação.” In GENTILI, Pablo(org). **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes 1995.

DAVIES, Nicholas. “Os procedimentos adotados pelo tribunal de contas do Piauí para a verificação das receitas e despesas vinculadas à educação.” In: **Educação & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31. N.110, p.243-260, mar 2010

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DUBET, François. “As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência de diplomas.” In: **Revista Sociologias**, ano 14, n° 29, jan/abril, p. 22-70, Porto Alegre: 2012.

FIGUEIRA, D. **História**. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25° Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17° Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**. 5° Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GENTILI, P. “Adeus à escola pública: a desordem neoliberal e a violência do mercado e o destino da educação das maiorias.” In GENTILI, Pablo(org). **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GERHARTD, T. E.; SILVEIRA, D.T. (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HELENE, Otaviano. **Um diagnóstico da educação brasileira e de seu financiamento**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

IAMAMOTO, MV. “Estado, classes trabalhadoras e política social no Brasil.” In. BOSCHETTI, I. *et al.*(orgs). **Política Social no Capitalismo**. Tendências Contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2008.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEHER, R. Um novo senhor da educação? ‘A política educacional do Banco Mundial para a periferia do Capitalismo.’ In: **Revista Outubro**. São Paulo, n.1, p. 19-30, 1999.

_____. **Da Ideologia do Desenvolvimento à ideologia da globalização: A Educação como Estratégia do Banco Mundial**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Abguar Bastos. São Paulo: Veneta, 2014.

MENDES, Karina dal Sasso, SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira. GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. In: *Texto & Contexto – Enfermagem*, São Paulo, v. 17, n.4, p. 758 – 764, 2008.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

OYAMA, E R. **A morte da educação pública**. In: *Universidade e Sociedade*, n. 55, Brasília–DF, fev. 2015.

PLANK. D. N. **Política educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública**. Porto Alegre, RS, Artmed Editora, 2001.

REALE, G. ANTISERI, D. **História da Filosofia: de Spinoza a Kant**, v.4. São Paulo: Paulus, 2005.

RIBEIRO, Maria Luisa S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 5. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

ROMERO, Silvio. **Notas sobre o ensino público**. In: *História da Educação*. Porto Alegre, RS, v. 20, n. 50, p.257-292, set-dez 2016.

SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. SAUERBRONN, João Felipe. “Casos de ensino/gestão: um conto e um caso de ensino.” In: **TAC: Tecnologias de Administração e Contabilidade**. Rio de Janeiro, v.2, p.56-70, jan 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1999.

SILVA, Janaina Lacerda. “O que entendem como papel da escola alunos, pais e professores do sistema público de ensino.” In: *Ciências Sociais e Humanas*, v.33, p.29-46, abr 2012.

TORRES, C. A. “Estado, privatização e políticas educacionais: elementos para uma crítica do neoliberalismo.” In GENTILI, Pablo (org). **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VOLPE, Geruza Cristina Meirelles. “O financiamento da educação de Jovens e Adultos em municípios mineiros no período de 1996 a 2006: até quando migalhas?” In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.18, n54, p. 693-716, set 2013.

ZANTEN, A. “Efeitos da concorrência sobre a atividade dos estabelecimentos escolares.” In: KRAWCZYK, N. (org). **Sociologia do Ensino Médio**: Crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014.

ANEXO I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da educação para o mercado**”. Nesta pesquisa pretendemos identificar as interferências sociais da transformação da educação em mercadoria a partir da análise da pressão sobre os estudantes do Ensino Médio com relação à aprovação no vestibular.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos; entrevista semiestruturada baseada em história oral. Os riscos são praticamente nulos e envolvem meramente questões relacionadas a desconforto por conta de timidez ao responder as questões.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Receberá esclarecimentos sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição, quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento está impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor.

Bruno Luis Cardoso

Telefones (inclusive para ligações a cobrar): (12) 98866-4123 e (12) 3672-2167

E-MAIL: bruno.lcardoso@hotmail.com

Eu, _____, portador do documento de Identidade nº _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da educação para o mercado**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20

Assinatura do(a) Participante

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*(No caso do responsável pelo menor)*

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da educação para o mercado**”. Nesta pesquisa, pretendemos **identificar** as interferências sociais da transformação da educação em mercadoria a partir da análise da pressão sobre os estudantes do Ensino Médio com relação à aprovação no vestibular

Para esta pesquisa será realizada entrevista semi-estruturada baseada em história oral. Os riscos são praticamente nulos e envolvem meramente questões relacionadas a desconforto por conta de timidez ao responder as questões.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (**ou risco maior que o mínimo, se for o caso**), isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, o menor tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Bruno Luis Cardoso

Telefones (inclusive para ligações a cobrar): (12) 98866-4123 e (12) 3672-2167

E-MAIL: bruno.lcardoso@hotmail.com

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da educação para o mercado**”. Nesta pesquisa pretendemos identificar as interferências sociais da transformação da educação em mercadoria a partir da análise da pressão sobre os estudantes do Ensino Médio com relação à aprovação no vestibular.

Para esta pesquisa serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, segundo o método da história oral. Os riscos são praticamente nulos e envolvem meramente questões relacionadas a desconforto por conta de timidez ao responder às questões.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Receberá esclarecimentos sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa.

Este termo de consentimento está impresso em três vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, outra no Comitê de Ética da Universidade de Taubaté, e a outra será fornecida ao senhor. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Após esse tempo, serão destruídos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade nº, _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: implicações sociais da instrumentalização da educação para o mercado**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, _____ de _____ de 20 .

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome

Assinatura testemunha

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UNITAU

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO/PRPPG

FONE: (12) 3625- 4217 /E-MAIL: *PRPPG@UNITAU.BR*

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: BRUNO LUIS CARDOSO

ENDEREÇO: RUA PASSA QUATRO, 444

CEP: 12120-000 – TREMEMBÉ – SP

FONE (INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR): (12) 98866-4123

E-MAIL: BRUNO.LCARDOSO@HOTMAIL.COM



Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
prppg@unitau.br

CÓPIA

Ofício nº PPGEDH – 014/2015

Taubaté, 06 de agosto de 2015

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V.S. para solicitar permissão de realização de pesquisa e informações necessárias à Elaboração de Projeto de Pesquisa para Dissertação de Mestrado da aluna **BRUNO LUIS CARDOSO**, do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, intitulado “**EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA INSTRUMENTALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA O MERCADO**”. O estudo será realizado com os alunos e professor coordenador, na Escola Estadual Monsenhor João Alves, sob orientação da Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala.

Para o desenvolvimento desta, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com eixos norteadores, elaborados exclusivamente para este fim. Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará para análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.020-040, telefone (12) 36241657 ou (12) 9.9163-6981.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO HUMANO- PPGEDH

Ilma Sra. Diretora da Escola Monsenhor João Alves
SILKA APARECIDA MORE PAZIN
Taubaté - SP





Universidade de Taubaté
 Autarquia Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
 Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
 CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
 Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
 prppg@unitau.br

CÓPIA

Ofício nº PPGEDH – 015/2015

Taubaté, 06 de agosto de 2015

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V.S. para solicitar permissão de realização de pesquisa e informações necessárias à Elaboração de Projeto de Pesquisa para Dissertação de Mestrado da aluna **BRUNO LUIS CARDOSO**, do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, intitulado **“EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA: IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA INSTRUMENTALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA O MERCADO”**. O estudo será realizado com os alunos e professor coordenador, na Henriqueta Vialta Saad, sob orientação da Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala.

Para o desenvolvimento desta, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com eixos norteadores, elaborados exclusivamente para este fim. Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará para análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.020-040, telefone (12) 36241657 ou (12) 9.9163-6981.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO HUMANO- PPGEDH

Ilmo Sr. Diretor da Escola Henriqueta Vialta Saad
 Arnaldo Miguel Saad
 Taubaté - SP



1 – Identificação:

A – Nome

B – Idade

C – Sexo

D – Profissão (ou carreira desejada)

Para os alunos

2 – Qual a importância dada por você ao vestibular?

3 – Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

4 – Qual a importância dada por sua escola ao vestibular?

5 – Como você definiu sua escolha para o vestibular?

6 – Qual é a relação entre carreira e sucesso?

Para o coordenador pedagógico (ou equivalente)

2 – Como você analisa o aspecto de formação dos alunos que estão concluindo o ensino médio?

3 – Como a escola se coloca em relação ao vestibular?

4 – Qual é a relação entre carreira e sucesso?

5 – Como se deu a sua escolha pela profissão de professor e como decidiu tornar-se coordenador?

Entrevista 1 – Engenharia Química – Escola Particular

Sexo: Feminino Idade: 17 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Ah, eu acho que é muito importante, porque assim, é o que eu quero fazer pelo resto da minha vida. E se eu não passar, tipo, direto eu vou acabar ficando um ano parada e eu não quero isso. Então eu quero, tipo, me dedicar bastante esse ano pra eu passar direto, pra eu não perder um ano estudando, sendo que eu já poderia ter feito isso, entendeu? Para mim é uma coisa muito importante, algo que vai definir todo o meu futuro, é minha carreira profissional, é o que eu quero fazer pelo resto da minha vida.

Entrevistador: Ah, sim, muito bacana. E você tem em mente alguma instituição onde deseja estudar?

Entrevistada: Tenho, sim. Então, eu vou prestar só pública, porque infelizmente não dá pra pagar, tipo assim, particular. Então eu já fui pesquisando as melhores, as que eu mais quero são a Unicamp, a UFSCar, USP, são assim, as que eu mais quero.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: Bom, meus pais, eles acham também muito importante. Eles acham que é uma coisa que eu tenho que fazer, assim, se eu gosto. Eu quero fazer Engenharia Química, então eles dizem: se você gosta, vai lá, aproveita, estuda. Mas, assim, eu dou muito mais importância a passar direto do que eles. Porque por eles, eu poderia, sim, ficar um ano parada, que não vai prejudicar nada na minha vida, que não vai atrapalhar nada do que eu quero. Então, assim, eu acabo dando mais importância pra passar, assim, direto, do que eles.

Entrevistador: Então você se vê mais pressionada por você mesma, do que por sua família?

Entrevistada: É, eu acabo me pressionando um pouco mais do que eles. Eles me dizem: “Relaxa, vai com calma. Se você não passar esse ano, tem ano que vem ainda.” Daí eu acabo: “não, não.” Eu quero passar esse ano e isso, e acaba sendo assim.

Entrevistador: Compreendo. E aqui, com a escola? Qual a importância dada pela escola ao vestibular? Eles te incentivam, te pressionam? Qual a relação da escola com vocês em relação ao vestibular?

Entrevistada: Bom, em relação, assim, à escola, comigo, eu acho, que tipo, eu acho, que a escola dá muita importância. Tanto que eles dão um cursinho pra gente tá podendo fazendo, então, tipo eles dizem pra gente: “O vestibular é muito importante, tem o cursinho pra vocês estudarem, pra vocês irem bem”. A gente também tem bastante aula voltada para o vestibular. Chega o segundo ano e eles já falam com a gente sobre isso. É, dão bastante prova com exercícios de vestibular, então eles vem preparando você desde o primeiro ano. As provas do sistema de provas deles também são assim. Tem provão nos sábados com todas as matérias, que é o que a gente enfrenta no vestibular mesmo, é, até de, tipo, de faculdade, que a gente faz a prova e depois que termina que tem ir embora. Não fica tendo aula, é uma coisa que, tipo, é o que a gente vai enfrentar daqui para frente. E eu acho, que assim, eles adaptam o ensino médio como se fosse faculdade, como se fosse fazer o vestibular. Eu acho que já vai preparando a gente psicologicamente. E eu acho que isso ajuda pra caramba, porque eu estou muito mais tranquila para o vestibular, por causa da escola, porque eu já enfrento isso desde o primeiro ano. Então eu já tô, tipo, muito mais tranquila .

Entrevistador: Ah, bacana, então você acha que a escola faz mais um encaminhamento, do que pressioná-los para aprovação?

Entrevistada: É, eles, tipo, não falam assim, não ficam tanto pressionando, pelo menos não comigo. Pelo menos eu não sinto isso, assim, da escola. Eles oferecem tudo pra tranquilizar a gente, pra gente ter, tipo, capacidade pra passar direto, entendeu? Mas, eu não me sinto pressionada por professor, nem nada. Eles só falam bastante porque é o que a gente vai enfrentar. Todas as provas, se for ver, é, todas vem de algum vestibular, é, nossas provas, até a apostila, vários exercícios de vestibulares. Tudo pra gente já

entender, pra gente já tá capacitado pra passar direto. Mas, eu não me sinto pressionada por eles.

Entrevistador: Ok. Como você definiu sua escolha para a carreira a concorrer no vestibular?

Entrevistada: Bom, eu não tinha certeza de nada, porque do ensino fundamental pro ensino médio muda muita coisa e eu não tinha a mínima ideia do que eu ia fazer. Só que a escola, oferece uma coisa pra gente que eu achei muito legal, que me ajudou pra caramba, que é fazer o teste vocacional com o psicólogo da escola. E, daí, no segundo ano eu fiz, e deu engenharia química. E eu achei muito legal, porque eu tava me dando bem com a química na escola. E, daí, eu passei a pesquisar o que eu poderia fazer, e eu gostei pra caramba. Então eu pensei: “Ah, acho que eu vou fazer mesmo, porque é uma coisa que eu gostei, é uma coisa que eu me dou bem” então eu decidi fazer.

Entrevistador: Isso é ótimo. Então foi mais a partir de experiências que você teve e sua relação com a química que te fez decidir?

Entrevistada: Isso. Porque no primeiro ano, eu ia muito mal. Só que, chegou no segundo ano, a ir bem em física, química, matemática. Aí, eu fiz o teste vocacional com o psicólogo e deu física, deu química, deu engenharia de materiais, engenharia química. Daí foi onde eu comecei a pesquisar e eu falei: “Poxa, é verdade. Eu realmente me dou bem com isso. É uma matéria que eu gosto, então eu vou fazer isso.”

Entrevistador: Muito bacana. E como você define a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Hmm. Acho meio difícil. Eu não sei. É porque uma coisa é a gente idealizar nosso sucesso com nossa carreira. Então, eu tenho os meus planos pra eu poder ter uma boa carreira. Primeira coisa é fazer uma coisa que eu gosto. E o segundo é, tipo, focar e fazer realmente aquilo, tipo, entrar de cabeça naquilo que eu quero. Então, eu tô com trabalho, eu quero, tipo, focar naquilo, fazer aquilo realmente, tipo, de corpo e alma. Vamos dizer assim, entendeu? Então, eu acho que uma pessoa que gosta daquilo que faz, que se dedica, eu acho que, tipo, tem grandes chances de fazer sucesso, sabe? Acho que é isso.

Entrevistador: Mas para você, uma pessoa que atinge o sucesso é aquela que alcançou algum status na carreira ou é mais relacionado com o bem-estar em fazer?

Entrevistada: Eu acho, que tipo, está mais relacionado a atingir seus objetivos. Por exemplo, eu quero ter um negócio. Eu quero abrir um negócio meu com um engenheiro. Então, eu quero abrir um negócio de cosméticos. A partir da hora que eu atingir esse meu objetivo. Tiver, tipo, êxito no que eu pretendo fazer, acho que seria uma coisa de sucesso, entendeu? Porque eu consegui atingir aquilo que eu planejei. Acho que seria isso.

Entrevistador: Está ótimo. Você gostaria de acrescentar algo mais?

Entrevistada: Não, acho que não.

Entrevistador: Ok, então. Gostaria de agradecer por sua participação em nossa pesquisa e desejar-lhe boa sorte.

Entrevistada: Eu que agradeço. Obrigada.

Entrevista 2 – Medicina – Escola Particular

Sexo: Feminino Idade: 17 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Bom, vestibular define a minha vida, basicamente. É, o que eu escolher, eu vou tentar levar até o fim da minha vida e tem que ser uma coisa que eu gosto, tem que ser uma coisa que vai me fazer feliz e que vai ajudar alguém. Porque senão, não tem muito sentido, mas a pressão do vestibular meio que ofusca essa parte de escolha. Porque você estuda, estuda, estuda pra coisas que você nem vai usar na sua vida. Então, é meio...é meio do mal.

Entrevistador: Entendi...Mas você tem alguma instituição em vista?

Entrevistada: Ah, eu quero passar na UNICAMP, porque ela é muito boa e também porque é um lugar em que eu conseguiria morar, porque eu já fui pra lá, minha mãe já estudou nas faculdades de lá, então eu conheço um pouquinho. São Paulo tem problema de ser muito caótico e muito do mal. Então, USP, não. Mas Campinas, ou Sul, tão, muito, muito melhores.

Entrevistador: Então, seriam as públicas mesmo?

Entrevistada: Sim, com certeza as públicas. Porque faculdade de medicina privada, não tem dinheiro que agüente.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: Ah, a minha família, meus pais, eles...eles pede que eu estude, mas a cobrança de passar não tem, não existe. Em compensação, o resto da minha família tem essa cobrança de que tem que passar na primeira. Se você não passar na primeira vez que faz o vestibular e tem que fazer cursinho, é uma falha..é uma falha na sua vida.

Entrevistador: Ah, sim. Entendi. E com relação à escola. Como sua escola lida com relação ao vestibular?

Entrevistada: Ah, eu acho que eles dão suporte que é necessário para o estudo. Eles não tem essa cobrança. Eles deixam isso aberto ao aluno, eles entendem que a cobrança de estar no terceiro ano e ter que fazer o vestibular já estressante por si só. Então eu não acho que eles fazem isso por ...compaixão, não sei. Mas eles oferecem toda estrutura, os professores estão sempre prontos para dar uma ajuda e o material é muito bom.

Entrevistador: Como você definiu a carreira pretendida por você para o vestibular?

Entrevistada: Eu sempre gostei de ajudar as pessoas e desde quando eu era pequena e meus pais ficavam doentes, a minha mãe cuidava do meu pai e meu pai cuidava da minha mãe, mas eu cuidava dos dois. Se precisava levar chazinho, eu colocava band-aid. E aí, quando eu fui crescendo, eu comecei a fazer isso com todo mundo. E eu amo cirurgia. Eu amo cortar e eu amo suturar.

Entrevistador: Para você qual a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Eu acho que se você faz o que você gosta, você vai ter sucesso. Por mais que o sucesso não venha necessariamente junto com uma conta bancária gorda, você vai entender aquela realização profissional como sucesso. Dá pra entender?

Entrevistador: Dá, dá sim.

Entrevistada: Porque, tipo, se você consegue ser feliz no que você está fazendo, você vai querer sempre fazer mais e fazer o seu melhor. E aquilo vai gerar sucesso pra você, independente de ser profissional ou pessoal. Independente das pessoas verem ou não. Você vai tá bem com aquilo. Então eu acho que sucesso é você fazer o que você quer e você fazer o que você quer com seu coração.

Entrevistador: Entendi. Você gostaria de acrescentar algo mais à sua fala?

Entrevistada: Acho que não. Falei tudo o que veio.

Entrevistador: Então, gostaria de agradecer a sua participação e lhe desejar boa sorte.

Entrevistada: Ah, imagina. Eu que agradeço.

Fim da entrevista

Entrevista 3 – Engenharia Aeronáutica – Escola Particular

Sexo: Feminino Idade: 17 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Ah, eu acho que é bem importante. Pelo menos para mim é uma continuação da minha vida, assim, pro resto da minha vida ou o que eu vou fazer quando eu me tornar mais velha. É a definição do meu futuro.

Entrevistador: E você tem alguma instituição em mente?

Entrevistada: A UNIFEI, que é a Universidade Federal de Itajubá. Eu queria bastante passar lá. Porque é pública.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: É, dão mais importância do que eu. Eles dão bastante importância a isso, mas eles vêm a mesma coisa que eu vejo. Aliás eles me colocaram nessa escola justamente com esse propósito.

Entrevistador: Então existe uma pressão maior por parte de sua família do que algum outro fator?

Entrevistada: Mais ou menos. Eu acho que na escola também. Acho que a escola influencia bastante. Então, são mais ou menos equivalentes.

Entrevistador: Então, dito isso, qual a importância que a sua escola dá ao vestibular?

Entrevistada: Acho que é muita importância. Principalmente em relação à concorrência pela universidade.

Entrevistador: Mas você vê isso como preparação ou como fazer com que vocês obtenham resultados de aprovação?

Entrevistada: Não. Eu acho que é para obter resultados de aprovação mesmo.

Entrevistador: Entendi. E como foi que você definiu sua escolha para o vestibular?

Entrevistada: Foi com relação as coisas que eu gosto. Aos meus conceitos, e tudo o mais. Foi uma decisão pessoal mesmo.

Entrevistador: Como você entende a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Hum. Carreira e sucesso depende da pessoa, do profissional. Eu acho que um profissional só obtém sucesso se ele gosta realmente. Se ele escolher aquela carreira que é importante para ele. Que não seja uma simples escolha feita a dedo. Porque não pode escolher a profissão pensando só no mercado de trabalho, não dá certo.

Entrevistador: Muito bem. Você gostaria de acrescentar algo mais à sua fala?

Entrevistada: Não. É só isso mesmo.

Entrevistador: Então, muito obrigado por sua participação e boa sorte.

Entrevistada: Obrigada.

Entrevista 4 – Fisioterapia – Escola Particular

Sexo: Feminino Idade: 17 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Ah, eu acho que é muito importante, né, porque é a carreira que você vai seguir, então você tem que escolher muito bem qual a faculdade, qual o curso, porque é a sua vida.

Entrevistador: E você tem alguma instituição que você almeja para o seu curso?

Entrevistada: Então, diferente do pessoal daqui da escola, eu não tenho muita...eu tenho vontade de ir para federal, mas eu não tenho tanto esse “eu tenho que ir.” Porque minha mãe da aula na universidade daqui da cidade e também eu não gostaria de sair de casa. Eu queria ficar aqui, perto dos amigos, perto da família.

Entrevistador: E qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: Então, é bem grande. É tipo, cê tem que fazer. Cê não pode, tipo, “ah, não vai ficar sem fazer, não vai fazer outra coisa, você tem que fazer a faculdade.” É uma pressão muito maior da minha família e da minha escola do que minha para fazer vestibular. Acho até que é maior da escola do que da família.

Entrevistador: Entendi. Então, como você vê a relação de sua escola com o vestibular?

Entrevistada: Eu acho que a escola é muito, muito pressão. Tipo assim, os professores ficam: “Você tem que ir prum vestibular e um vestibular bom. Uma faculdade boa, uma faculdade federal, pra ser alguém. Porque se você for ficar aqui nas faculdades da cidade, ou qualquer outra sem nome, não vai ser bom pra você, não vai ser bom para sua carreira.” Acho que é isso. É mais do que da minha família. Minha família, por exemplo, quer que eu vá pra onde eu quiser, entendeu? Eles dizem: “Ah, se quiser ficar na cidade você fica e estuda. Por mais que não seja uma federal, se eu puder eu vou ser tão boa quanto numa federal.”

Entrevistador: Interessante, isso. E como é que você definiu sua escolha de carreira para o vestibular?

Entrevistada: Então, eu gosto bastante da área de biológicas, assim. Eu gosto muito de biologia. Pra falar a verdade é a única matéria que, assim, eu gosto, que eu tenho gosto por estudar. Aí a fisioterapia, eu não sei da onde surgiu, mas eu sempre tive isso na minha cabeça. Sempre achei que seria um trabalho legal e tudo. Até penso em medicina, mas acho que medicina eu teria muito receio porque eu acho que tem muito mais responsabilidade. De antes tem que estudar muito, durante tem que estudar muito, depois tem que estudar muito, e tem a responsabilidade na vida de alguém.

Entrevistador. Entendi. E pra você, qual a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Então, hoje em dia tá meio difícil, né. Tipo, o ganhar dinheiro. O sucesso você pode estudar, ser um bom profissional, sem dúvida. Mas o dinheiro, o retorno, eu acho que tem as profissões certas, não depende tanto nem da faculdade, nem do vestibular, de qual faculdade, onde você vai fazer. Depende da carreira que está em alta no momento. Mas hoje em dia tá tudo meio difícil. Tá tudo meio que em crise.

Entrevistador: Entendi. Você gostaria de acrescentar algo mais à sua fala?

Entrevistada: Acho que não. É só isso.

Entrevistador: Então gostaria de agradecê-la por participar e desejar boa sorte.

Fim da entrevista

Entrevista 5 – Coordenador pedagógico – Escola Particular

Sexo: Masculino Idade: 37 anos

Formação: Administração de Empresas. Pós-graduação em Marketing e Pós-Graduação em Pedagogia.

Entrevistador: Como você analisa o aspecto de formação dos alunos que estão concluindo o ensino médio?

Entrevistado: Bom, nós temos que imaginar que nós recebemos alunos nossos e alunos de fora e nós temos que pegar um aluno num estágio de ensino básico e temos que colocá-lo num patamar de ensino que ofereça a ele a oportunidade de inserção no ensino superior. Não só pelo vestibular, mas também com capacidade para fazer todas as análises necessárias durante o curso do ensino superior. Interagindo e integrando às disciplinas que ele venha a ter, com capacidade crítica e analítica de n situações que possam vir.

Entrevistador: Certo. E como a escola se coloca em relação ao vestibular?

Entrevistado: Toda formação do ensino médio já é voltada para o vestibular. Então, o sistema de provas hoje contempla prova dissertativa e prova de múltiplaescolha e um simulado, também no formato múltiplaescolha desde a primeira série do ensino médio, ou seja, ele faz esse modelo de prova em todo bimestre em todos os três anos que já é para habilitá-lo. Para que o aluno se acostume com o sistema de vestibular. Com relação as informações do vestibular: nós passamos a eles as informações, orientamos pelos sites levamos à palestras de faculdades e universidades. Recentemente, por exemplo, visitaram a feira de profissões da USP. Quando há determinado grupo que faça determinado vestibular como a UNICAMP, a UNESP, que é na cidade próxima daqui, nós montamos vans e deixamos os alunos no local da prova, tudo para que ele fique confortável e ajudá-lo na segurança para a execução da prova.

Entrevistador: Interessante. Qual a relação entre carreira e sucesso para você, pessoalmente?

Entrevistado: Bom, aí é uma análise filosófica. A gente pode ir por várias vertentes. Porque tem hoje alunos que, acredito, em sua grande maioria busquem carreiras que proporcionem a eles um sucesso financeiro que possa contemplar todas as necessidades financeiras e vontades que eles tenham. A partir do momento em que eles dependerem de si próprios, economicamente falando. E tem os alunos que buscam sucesso na carreira mediante a sua realização pessoal, ou seja, fazer aquilo que gostam e que não necessariamente resultará em uma carreira de grande reconhecimento financeiro. O sucesso na verdade é o que contemplar dentro da pirâmide de necessidades, aquilo que mais lhe importar. Será financeiramente, será pessoal, porque dependendo das carreiras

que os alunos sigam, a família e comprometida por causa do horário de trabalho também, tem aquela carreira, que como já falei anteriormente, não tem uma remuneração tão alta. Mas tudo depende também do estudo contínuo. O aluno não pode pensar somente no ensino superior. Ele tem que pensar na pós-graduação, no mestrado. Porque a formação contínua é muito importante. Na nossa sociedade hoje, é extremamente independente da informação. Aquele que consegue usar a informação de maneira correta, geralmente tem sucesso. Porque a informação está disponível para todo mundo num modelo muito mais fácil através dos dispositivos digitais que todos nós temos acesso nos dias de hoje.

Entrevistador: Como se deu sua escolha pela profissão de professor e como decidiu tornar-se coordenador?

Entrevistado: Bom, essa foi uma escolha, meio que pela vida. Eu primeiro busquei a administração de empresas para poder entender do gerenciamento empresarial. Tendo em vista que esta empresa é uma empresa familiar. A gente tem a vontade de dar continuidade à empresa, perpetuar o serviço aqui, o trabalho executado pelo meu pai, pelos meus tios. Então, primeiramente eu busquei uma formação que me permitisse cuidar daquilo que eu já tinha e depois uma complementação em áreas que eu senti necessidade, como a pedagogia e como o marketing. Mas o marketing, mais voltado para a parte administrativa, mercadológica. E a escolha foi meio que seguindo um rumo natural para mim. Na época em que eu sai do meu terceiro ano, no entanto, a carreira de computação científica era muito promissora. E é da área de exatas, que é uma área que eu tenho gosto. Porém, quando eu comecei o curso eu vi que não era bem aquilo que eu queria. Decidi parar e fui para área que eu já tinha decidido fazer antes. Quando eu comecei a trabalhar na coordenação, e vi que o caminhar dos anos a proposta de cursos começou a aumentar, ou seja, antes havia poucos cursos para se fazer durante o ensino superior. E aí começou a pipocar vários cursos e os alunos começaram a ficar mais perdidos ainda na escolha como eu mesmo tinha tido dificuldade na minha escolha, né, na minha escolha inicial. Eu propus uma orientação vocacional que o aluno pode fazer hoje a partir do segundo ano do ensino médio e então que vem a ser também um reforço para o vestibular, para decidir a carreira. Então, hoje em dia os alunos tem que ser orientados. Como eu já falei, tem muita informação, como trabalhar essa informação? E como direcionar? Isso cabe à escola, a gente diminuir um pouco esse leque. Então, o

que eu vi para mim na minha escolha, as dificuldades a gente tenta diminuir para nossos alunos atuais.

Entrevistador: Esta certo. Você gostaria de acrescentar alguma coisa a mais à sua fala?

Entrevistado: Eu acho só que a gente passa por uma fase muito conturbada do ensino. Onde nós temos um novo padrão de aluno com necessidades e exigências diferentes de alunos de quinze, de até dez anos atrás, e um corpo docente essencialmente com a sua experiência embasada nos métodos antigos de aula. E isso passa por uma evolução. E então essa adaptação de professor e aluno e escola, ta conturbada e inclusive tem que se pensar além, quem rege o ensino no Brasil, que é o MEC tem que repensar. A grade curricular, o conteúdo a ser ministrado que o MEC exige está defasado. Nossa proposta gira em torno de 1950, então, quero dizer, não houve evolução efetiva na proposta do MEC na melhoria do ensino. Somente algumas mudanças simplesmente por aparência, como chamar o Pré-II de primeiro ano, mas não se muda nada em conteúdo e a análise curricular tem que ser feita. Porque o currículo estudantil do Brasil está defasado em relação ao mundo. E isso mostra-se mediante as avaliações internacionais que são feitas e o ensino do Brasil sempre aparece em péssimas colocações.

Entrevistador: Está certo, então. Muito obrigado por sua participação.

Entrevista 6 – Gastronomia – Escola Pública

Sexo: Masculino Idade: 17 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistado: Bom, eu acho que o vestibular foi criado para medir o seu nível de conhecimento para você ingressar em uma universidade. Então, ele só é importante para aqueles que querem entrar em uma universidade. Mas eu acho que ele é muito mal elaborado aqui no Brasil, porque ele abrange muitas áreas que muitas vezes a pessoa não vai usar no cargo que ela quer. Mas, assim, para entrar em uma universidade, eu acho que o vestibular pode, assim, até ser útil para a pessoa.

Entrevistador: E qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistado: Bom, meu pai acha que a faculdade é uma coisa super valorizada hoje em dia. Então, pra ele faculdade não vale muito. Lógico, pra ele vestibular pra ele não é lá muito essas coisas. Porque ele mesmo fez engenharia só que ele acabou trabalhando na fábrica não como engenheiro, mas na linha de produção e durante os vinte anos que ele trabalhou nessa fábrica, ele viu muitos advogados, engenheiros e até médicos trabalhando em linha de produção. Então ele acha que faculdade não tem muito valor.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua escola ao vestibular?

Entrevistado: Bom, acho que a minha escola, assim como todas as outras escolas, elas apóiam o vestibular e tentam colocar o aluno na reta para a faculdade. Usando o exemplo da nossa escola, né, teve até uns sábados com cursinho para o vestibular, né, e algumas outras escolas oferecem outros cursos para vestibular. Então, eu acho que todas as escolas apóiam o vestibular e tentam colocar o aluno na reta pro vestibular.

Entrevistador: Como você definiu sua escolha de carreira para o vestibular?

Entrevistado: Bom, no começo, há cinco anos atrás, eu não queria fazer gastronomia, a ideia era fazer física. Porém, eu acho que quando você vai escolher alguma coisa, você

não pode ir muito por aquilo que você quer. Porque as vezes o que você quer não é o que...você não vai encontrar um mercado no país. Por exemplo, eu quis fazer física, mas não pra dar aula de física, pra ser pesquisador de física. E no Brasil o mercado de trabalho é muito pequeno, ainda mais para uma pessoa jovem que acabou de se formar em física. Então, a menos que eu tivesse uma condição boa de renda e pudesse ir pra fora, pra estudar e exercer lá o cargo de pesquisador de física eu poderia fazer. Mas como a situação não é essa, a gente parte para a segunda opção, que é gastronomia. Que eu sou apaixonado por cozinha. E eu parto de um princípio que existem três coisas que nunca vão acabar no mundo: os médicos os cozinheiros e os técnicos em informática. Todo mundo precisa comer, todo mundo fica doente e ninguém sai da internet. Então, como eu quis seguir cozinha, eu acho que é uma coisa assim, como posso dizer, é entre o bom e o que se pode ser feito no Brasil nas condições atuais.

Entrevistador: E você tem alguma instituição que pretende cursar?

Entrevistado: Então, quando eu tava pensando em fazer física, eu queria fazer a federal do Rio, a UFRJ, mas agora que eu quero fazer gastronomia, eu talvez não vá fazer a faculdade, mas talvez um curso técnico no IGA – Instituto Gastronômico das Américas – que fica na cidade vizinha. Mas, caso eu for cursar alguma faculdade, em questão de gastronomia, eu escolheria ainda a UFRJ. Eu sempre tive um apreço por aquela faculdade. Sempre senti uma afinidade por aquela faculdade.

Entrevistador: Para você, qual é a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistado: Eu acho que pra você ter um sucesso na sua carreira, você tem que gostar de exercer aquela função. Por exemplo, uma pessoa que é médica, nem sempre ela vai ter sucesso, porque alguns médicos, eles só fazem medicina por causa do dinheiro. Então, às vezes eles nem gostam do que fazem, porque eles gostam do salário deles. Agora, se você tem uma profissão e você gosta de exercer aquela profissão, por exemplo, professor: gosta de ensinar, gosta de transmitir o seu conhecimento, você tem um sucesso não só para os outros, mas um sucesso pessoal, pra você mesmo, porque você se sente bem ensinando, vendo que aquele aluno alcançou o lugar dele através de você, que você guiou ele. Aí o sucesso pessoal é maior que o sucesso pela sua carreira.

Entrevistador: Você gostaria de acrescentar algo mais à sua fala?

Entrevistado: Sim. Em questão do modelo do vestibular aqui no Brasil Como eu disse, eu acho que ele abrange muita coisa pra profissão que a pessoa quer. Por exemplo, vamos supor que um médico, um futuro médico vá fazer um vestibular e lá caia várias perguntas complexas de português. Ele não precisa saber profundo a língua portuguesa. Claro que o básico ele precisa saber, porque ele tem que se comunicar. Então, eu acho que na hora que você for se inscrever pro vestibular, você, por exemplo, colocaria o seu curso, por exemplo, medicina. Então, ele teria uma prova específica com os campos da medicina, ou seja, biologia, química, um pouco de matemática, um pouco de português e é isso. Então, todo mundo que quer fazer medicina, ia fazer essa prova. Por exemplo, quem fosse fazer física, ia ter lá matemática, um pouco de química, um pouco de tudo, mas não aprofundar em campos que não vão ser úteis naquela matéria. Então eu acho que pra cada curso que vá seguir, deveria ter um vestibular próprio.

Entrevistador: Está certo. Então, eu gostaria de agradecer por sua participação e desejar-lhe boa sorte.

Entrevistado: Eu que agradeço.

Entrevista 7 – Matemática – Escola Pública

Sexo: Feminino Idade: 18 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Bom, pra mim o vestibular ele não é importante. Eu acho que as escolas não deveriam avaliar o aluno por vestibular. Porque é um método ultrapassado, porque mostra pro aluno só o que ele tem que responder ali. Não mostra o conhecimento que ele obteve durante os três anos. Eu acho que deveria ser por carta de intenção, tipo escola americana que eles pegam o aluno por, tipo, ah, você quer fazer tal faculdade, aí você pega, manda uma carta pra tal faculdade, tipo, falando que você quer entrar. Daí, se você tiver apto para entrar em tal faculdade, eles chamam você para uma entrevista, senão, não. Assim eu acho um método mais adequado, porque daí a escola sabe o que você fez durante os três anos e não é uma prova que vai definir o que você vai fazer.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: Bom, minha família nunca foi ligada a essas coisas, tipo, “faz o vestibular” ou “faça uma faculdade.” Mas meus pais não tem o ensino médio concluído. Então eles sempre buscaram em mim, eu ter uma vida boa. Eu fazer uma faculdade. Então eles sempre deram uma importância, mas não do tipo: “eu quero que você faça isso, não quero que você faça isso.” Mas eles sempre valorizaram isso dentro de casa, uma boa faculdade. Sem pressão. Fazer o curso que eu quiser, eu quero fazer matemática, então tudo bem, eles me apóiam, porque é o curso que eu quero fazer

Entrevistador: E há alguma instituição que você deseja fazer seu curso?

Entrevistada: Bom, eu não quero ir embora da cidade. Então, eu vou fazer a faculdade que tem aqui.

Entrevistador: E qual a importância dada por sua escola ao vestibular?

Entrevistada: Eu acho que a escola tenta promover o vestibular, sim. Mas não de uma forma rígida, de uma forma obrigatória. Eu acho que promove de uma forma bem sutil. Perto de outras escolas que eu conheço.

Entrevistador: Como você definiu sua escolha para o vestibular?

Entrevistada: Eu sempre tive muita facilidade com matemática e sempre gostei de ajudar meus amigos de escola com os exercícios e as coisas que eles tinham dificuldade. Daí eu escolhi fazer matemática, porque eu gosto.

Entrevistador: Para você, qual a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Eu acho que a carreira é aquilo que você vai seguir pra sua vida e se você fizer na sua carreira aquilo que você gosta, você vai, acho que na maioria das vezes, obter sucesso. Porque através disso, se você tá fazendo o que você gosta, você vai fazer com mais dedicação, e aí você vai acabar obtendo sucesso. Então, vai ser uma coisa, meio que, espontânea sua.

Entrevistador: Você gostaria de acrescentar algo mais à sua fala?

Entrevistada: Não, é só isso mesmo.

Entrevistador: Então, muito obrigado por participar e boa sorte.

Entrevistada: Obrigada.

Entrevista 8 – Educação Artística – Escola Pública

Sexo: Feminino Idade: 18 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistada: Bom, acho que a importância que eu dou ao vestibular é justamente você conseguir alcançar, né, conseguir chegar à universidade que, no caso, eu desejo. Só que ao mesmo tempo que eu dou essa importância, eu acho que o vestibular, ele, normalmente ele tem um sistema de avaliação muito ineficaz. O ENEM, por exemplo, eu quero cursar uma faculdade de humanas, mas aí eu tenho que saber exatas e biológicas, entendeu? É como se eles pegassem e quisessem avaliar todo mundo como se todo mundo fosse exatamente igual e tivesse exatamente as mesmas habilidades em tudo. Fora também que, pra você ir mal no vestibular é muito fácil, porque você fica muito ansioso, você fica muito estressado e se você tiver tido algum tipo de desentendimento na sua casa, sei lá, são fatores que influenciam no seu resultado diretamente, assim.

Entrevistador: Você tem alguma instituição de ensino que você deseja cursar sua faculdade?

Entrevistada: Bom, o curso que eu quero não tem em muitos lugares. Como não quero ir pra longe, tem uma faculdade na cidade aqui ao lado que tem o curso que eu quero e a mensalidade é bem barata, minha família consegue pagar sem problemas, então eu quero ir pra lá.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?

Entrevistada: Eu acho que seria a mesma, minha família se preocupa que eu tenha um certo sucesso na vida. E na visão deles o vestibular, que seria a forma de você chegar à universidade me traria mais oportunidades pra conseguir ter um bom emprego, eu conseguir realmente ter um bom sucesso na minha vida.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua escola ao vestibular?

Entrevistada: Bom, aqui é uma escola pública. Então, dos meus amigos que estudam em outras escolas, principalmente nas escolas particulares, eu vejo que aqui eles só falam que tem vestibular. Tipo, vai ter vestibular pra tal faculdade e a gente tem direito a isenção, acho que é só nisso que a escola trata do vestibular, nada de pressão pra passar, nem nada.

Entrevistador: Como você a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Pra mim sucesso tem a ver com realização pessoal. Eu digo isso por experiência própria, eu estudo numa escola de ensino técnico e recebo uma bolsa de estudos que é muito boa pra alguém da minha idade, sem experiência, mas eu não gosto de lá, porque não tem nada a ver com o que eu quero fazer de faculdade. Eu vou pra fábrica fazer estágio, ou pro curso totalmente infeliz, sem ver a hora de ir embora. Não me dou bem com a maioria dos meus colegas de lá, não gosto dos meus professores do curso, porque o pensamento é muito diferente do meu e eu não gosto do serviço que tenho. Então eu acho que não adianta nada você receber muito e ter uma realização pessoal muito pequena, ou quase nenhuma, como é no meu caso.

Entrevistador: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistada: Não, acho que eu disse o que eu penso sobre vestibular.

Entrevistador: Muito obrigado por sua participação e boa sorte.

Entrevista 9 – História – Escola Pública

Sexo: Masculino

Idade: 18 anos

Entrevistador: Qual a importância dada por você ao vestibular?

Entrevistado: Para mim, o vestibular é apenas um meio para alunos escolhidos a dedo para prestar as faculdades públicas, enquanto a gente que estuda em colégio público tem que se esforçar pra ir bem no ENEM e conseguir bolsa ou estudar em faculdade particular. Em resumo é apenas uma troca: ontem eu não paguei para estudar e hoje eu pago a minha faculdade.

Entrevistador: Você tem alguma instituição em vista para fazer seu curso superior?

Entrevistado: Olha, eu gostaria mesmo era poder estudar em uma faculdade federal. Lá tem mais recurso e a gente estuda com professores muito famosos. Mas, como tem uma concorrência, na minha opinião, desleal e minha família não conseguiria me manter estudando longe, então eu vou prestar para a universidade que tem aqui na cidade e me esforçarei muito para aprender o máximo que eu puder para ser um bom professor de história.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua família ao vestibular?
R: Na família por parte de pai, dá mais valor que deveria, mesmo sem pensar o porquê estudar tanto para fazer xizinho em uma folha de papel. Já a família por parte de mãe é indiferente. Se eu vou estudar e trabalhar, ou só estudar, ou só trabalhar, eles não ligam muito pra isso. Com tanto que eu faça alguma coisa.

Entrevistador: Qual a importância dada por sua escola ao vestibular?

Entrevistado: Como minha escola é uma escola pública, o foco não é apenas no vestibular e alguns professores querem mostrar a educação como algo a mais. A escola avisa a gente sobre vestibulares e até nos incentivam a fazer, mas eu acho que na escola, por ser pública, tem mais a preocupação da gente tentar saber sobre as coisas que vão ser úteis pra gente, ao invés de só maneira de passar em vestibular.

Entrevistador: Como você definiu sua escolha para o vestibular?

Entrevistado: Foi única maneira que eu achei para não ser mais uma mão de obra pela minha vida inteira. Além disso, eu acho que como professor eu posso fazer a diferença na vida de muito mais pessoas do que seu fosse trabalhar no comércio ou numa fábrica. Tenho mais vontade de ajudar as pessoas dessa forma.

Entrevistador: Para você, qual é a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistado: Carreira e sucesso é igual o sentido da vida, cada um tem sua concepção. Vejo que a carreira é o que eu quero fazer e o sucesso é conseguir ser sem ter rebaixado ao que os outros querem por mim. É fazer o que eu quero com vontade e ser o melhor que eu puder ser para poder ajudar os outros.

Entrevistador: Entendi. Há algo mais que você gostaria de acrescentar à sua fala?

Entrevistado: Acho que eu só queria que a educação fosse mais justa, fosse melhor pra todo mundo. Deveria ser pra todo mundo de verdade. E deveria ser boa pra todo mundo. Não importa se rico ou pobre, todo mundo tem o direito e até o dever de aprender bem, não só pra fazer uma prova, mas pra ser boa pessoa e ter conhecimento pra vida.

Entrevistador: Agradeço sua participação e lhe desejo boa sorte.

Entrevistado: Obrigado e boa sorte você também.

Entrevista 10 – Professor Coordenador Pedagógico – Formação: Arte – Escola Pública

Sexo: Feminino Idade: 49 anos

Entrevistador: Como você analisa o aspecto de formação dos alunos que estão concluindo o ensino médio?

Entrevistada: Olha, eu acho que eles estão saindo razoavelmente bem formados. Porque na hora que é pra eles fazerem, se desenvolverem, fazer uma prova com capricho, com dedicação, eles fazem. Então, eu acho que com relação a concluir o ensino médio, acho que eles saem bem formados, bem capacitados pra enfrentar o vestibular, pra enfrentar uma faculdade.

Entrevistador: Como a escola se coloca em relação ao vestibular?

Entrevistada: A escola mostra que existem os vestibulares, deixa que as instituições de ensino superior venham e façam as propagandas e divulgação dos cursos e dependendo do interesse de cada aluno, eles vão e se inscrevem para esses vestibulares.

Entrevistador: Para você qual a relação entre carreira e sucesso?

Entrevistada: Carreira é o que você escolheu para a sua vida. Eu decidi ser professora, então é a minha carreira e o sucesso é a consequência do meu trabalho. Se eu vou ter sucesso ou não, é consequência do meu trabalho, na minha vida profissional, como eu vou desenvolvendo o trabalho que eu estou fazendo, aí eu vou ter sucesso, ou não. Eu acho que o sucesso não tem a ver com a parte financeira. Você pode obter sucesso, sem necessariamente ser bem remunerado naquilo que você faz.

Entrevistador: Como se deu a sua escolha em ser professora e como se tornou professor coordenador?

Entrevistada: Como professora, eu primeiro optei porque eu gostava e gosto muito de criança. Então, para a minha vida eu queria ser professora alfabetizadora. Daí eu comecei com o normal, com o magistério. E para a consequência de professor PEBII e

direcionar na disciplina de arte foi a consequência da disciplina que eu escolhi. Já pra coordenador, pra ser sincera, foi pra ter, assim, uma experiência. Tinha uma vaga na escola que eu dava aula, tinha a opção de coordenador e eu fui para a coordenação e eu gostei da função. De lidar mais perto com o professor, de lidar mais perto com o aluno. Então, a função de coordenador foi por curiosidade e que me dei bem, gostei da situação, gostei da função. Daí, optei por estar na coordenação e estou na coordenação até hoje.

Entrevistador: Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Entrevistada: Não. Espero ter sido de ajuda para você e desejo boa sorte na sua pesquisa.

Entrevistador: Eu que agradeço por sua participação e por seu tempo.